



UFRRJ
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO

**A sustentabilidade corporativa da empresa BRF (Brasil Foods) S.A.:
o caso da unidade fabril de Seropédica (RJ)**

Suênia Braga Lucas Suplino de Souza

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

A sustentabilidade corporativa da empresa BRF (Brasil Foods) S.A.:
o caso da unidade fabril de Seropédica (RJ)

Suênia Braga Lucas Suplino de Souza

Sob a Orientação do Professor

Dr. Leandro Dias de Oliveira

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra** em Geografia. Linha 1: Espaço, Política e Planejamento. Subárea: Espaço e Economia Política Urbano Regional.

Seropédica, RJ

Julho de 2026

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S719s

Souza, Suênia Braga Lucas Suplino de , 1995-
A sustentabilidade corporativa da empresa BRF
(Brasil Foods) S.A.: o caso da unidade fabril de
Seropédica (RJ) / Suênia Braga Lucas Suplino de
Souza. - Seropédica, 2026.
64 f.

Orientador: Leandro Dias de Oliveira.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Geografia, 2026.

1. Sustentabilidade Corporativa. 2. Uso Corporativo
do Território. 3. BRF S.A.. I. Oliveira, Leandro Dias
de, 1979-, orient. II Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Geografia
III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS



HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 37/2026 - IGEO (11.39.00.34)

Nº do Protocolo: 23083.032735/2026-72

Seropédica-RJ, 14 de julho de 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

SUÊNIA BRAGA LUCAS SUPLINO DE SOUZA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 10/07/2026.

Identificar membros da banca:

Leandro Dias de Oliveira (Dr.), UFRRJ

(Orientador, presidente da banca)

Victor Tinoco de Souza (Dr.), Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar – Brasil

(membro da banca)

Regina Cohen Barros (Dra.), UFRRJ

(membro da banca)

Pablo Ibañez (Dr.), UFRRJ

(membro da banca)

(Assinado digitalmente em 14/07/2026 10:20)

LEANDRO DIAS DE OLIVEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
PROPPGI (12.28.01.18)
Matrícula: ###863#8

(Assinado digitalmente em 15/07/2026 08:08)

PABLO IBANEZ
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeGEOIA (11.39.39)
Matrícula: ###268#4

(Assinado digitalmente em 14/07/2026 11:01)

REGINA COHEN BARROS
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
CTUR (12.28.01.30)
Matrícula: ###339#8

(Assinado digitalmente em 17/07/2026 10:39)

VICTOR TINOCO DE SOUZA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.837-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **37**, ano: **2026**, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: **14/07/2026** e o código de verificação: **96fb4deab9**

Dedico este trabalho ao meu esposo, Luiz Otávio, meu maior incentivador e companheiro de vida. As inúmeras renúncias que você fez para que eu pudesse chegar até aqui jamais serão esquecidas. Você acreditou em mim nos dias em que eu duvidei de mim mesma e tornou possível a realização deste sonho.

E ao meu filho, Antônio, mamãe faz tudo por você.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por me sustentar em todos os momentos desta caminhada, concedendo-me força, discernimento e vigor para concluir mais esta etapa.

À minha família, por me auxiliar em todos os momentos. Obrigada pela paciência, pela compreensão diante das minhas ausências, pelo incentivo constante e por nunca deixarem que eu desistisse dos meus sonhos. Esta conquista também é de vocês.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Leandro Dias de Oliveira, por esta caminhada desde a graduação. Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava, por enxergar meu potencial nos momentos em que eu só conseguia ver minhas limitações e por sempre me incentivar a seguir em frente. Sem seu apoio, eu provavelmente não teria persistido até a conclusão desta dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGGEO/UFRRJ), pelo ensino de excelência, pelo ambiente de diálogo e pela oportunidade de desenvolver uma pesquisa comprometida com a produção de conhecimento crítico e socialmente relevante.

À Prof.^a Dr.^a Flávia Braga Vieira, pela confiança depositada em meu trabalho e pela oportunidade de integrar a equipe do projeto de extensão "Clínica de Acesso à Justiça para Populações Atingidas por Desastres Climáticos em São Sebastião/SP". A experiência como pesquisadora, em uma iniciativa construída no âmbito do ICHS/UFRRJ, ampliou minha compreensão sobre justiça socioambiental, direitos territoriais e extensão universitária, contribuindo significativamente para minha formação acadêmica, profissional e humana.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 / This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

RESUMO

SOUZA, Suênia Braga Lucas Suplino de. **A sustentabilidade corporativa da empresa BRF (Brasil Foods) S.A.: o caso da unidade fabril de Seropédica (RJ). 2026.** 64 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2026.

A sustentabilidade corporativa passou a integrar as estratégias de governança e competitividade das grandes empresas, especialmente no agronegócio. Esta pesquisa analisa a sustentabilidade corporativa da BRF S.A. a partir da unidade fabril localizada em Seropédica (RJ), buscando compreender suas relações com o território. Com base nas contribuições de Milton Santos sobre o uso corporativo do território, adotou-se uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica, análise documental e estudo de caso. Foram examinados relatórios institucionais da empresa, documentos públicos e literatura especializada. Os resultados demonstram que a implantação da unidade está relacionada à posição estratégica de Seropédica na rede logística da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, evidenciando a integração do município aos circuitos produtivos do agronegócio. Identificaram-se tecnologias voltadas à eficiência operacional e ambiental, medidas associadas ao licenciamento ambiental e ações sociais desenvolvidas por meio do Instituto BRF. Entretanto, os indicadores divulgados pela empresa concentram-se na escala corporativa, sem dados públicos específicos que permitam avaliar detalhadamente o desempenho ambiental, social e econômico da unidade. Conclui-se que a sustentabilidade corporativa da BRF articula governança, competitividade e organização territorial, mas sua análise em escala local evidencia limitações relacionadas à transparência das informações e à avaliação de seus resultados no território.

Palavras-chave: sustentabilidade corporativa; uso corporativo do território; agronegócio; BRF S.A.; Seropédica.

ABSTRACT

SOUZA, Suênia Braga Lucas Suplino de. **Corporate sustainability at BRF (Brasil Foods) S.A.: the case of the industrial plant in Seropédica (RJ)**. 2026. 64 p. Dissertation (Master's in Geography) – Graduate Program in Geography, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, Brazil, 2026.

Corporate sustainability has become an integral part of the governance and competitiveness strategies of large corporations, particularly in the agribusiness sector. This study analyzes the corporate sustainability practices of BRF S.A. through the case of its industrial plant located in Seropédica, Rio de Janeiro, Brazil, seeking to understand their relationship with the territory. Drawing on Milton Santos' contributions regarding the corporate use of territory, the research adopted a qualitative approach based on a literature review, documentary analysis, and a case study. Corporate reports, public documents, and specialized literature were examined. The findings indicate that the establishment of the industrial plant is related to Seropédica's strategic position within the logistics network of the Metropolitan Region of Rio de Janeiro, highlighting the municipality's integration into agribusiness production circuits. Technologies aimed at operational and environmental efficiency, measures associated with environmental licensing, and social initiatives carried out through the BRF Institute were identified. However, the indicators disclosed by the company are predominantly presented at the corporate level, with no publicly available unit-specific data that would allow for a detailed assessment of the plant's environmental, social, and economic performance. It is concluded that BRF's corporate sustainability strategy combines governance, competitiveness, and territorial organization; however, its analysis at the local level reveals limitations regarding information transparency and the assessment of its outcomes within the territory.

Keywords: corporate sustainability; corporate use of territory; agribusiness; BRF S.A.; Seropédica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Logo da Perdigão.....	18
Figura 2 - Logo e Mascote da Sadia.....	18
Figura 3 - Linha do tempo da formação da BRF S.A.	19
Figura 4 - Fluxograma da cadeia produtiva	21
Figura 5 - Mapa de localização de Seropédica no Espaço Metropolitano do Rio de Janeiro ..	29
Figura 6 - Fábrica da BRF S.A. em Seropédica	31
Figura 7 - Localização da BRF em Seropédica e as principais rodovias	33
Figura 8 – Placas solares instaladas na BRF S.A., unidade Seropédica	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais diretrizes e programas de sustentabilidade da BRF S.A.	25
Quadro 2 - Principais metas ESG e compromissos ambientais da BRF S.A.	36
Quadro 3 - Principais atividades desenvolvidas pelo Instituto BRF S.A. em 2024	38
Quadro 4 - Análise comparativa das estratégias de sustentabilidade da BRF: Relatório Integrado de 2024 e 2025	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA, AGRONEGÓCIO E USO CORPORATIVO DO TERRITÓRIO	4
1.1. Sustentabilidade corporativa e agronegócio contemporâneo	6
1.2. Agronegócio, redes produtivas e uso corporativo do território	8
1.3. Sustentabilidade corporativa, território e contradições socioambientais	12
CAPÍTULO 2 - BRF (BRASIL FOODS) S.A. AGRONEGÓCIO E A TERRITORIALIZAÇÃO CORPORATIVA	15
2.1 Formação da BRF (Brasil Foods) S.A. e consolidação no agronegócio brasileiro	17
2.2 Cadeia produtiva, logística e uso corporativo do território	21
2.3 Governança corporativa, sustentabilidade empresarial e estratégias territoriais da BRF S.A.	23
CAPÍTULO 3 – BRF S.A. SEROPÉDICA: SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA E MATERIALIZAÇÃO TERRITORIAL	27
3.1 Seropédica e a reorganização territorial periférica da metrópole fluminense	28
3.2 A instalação da BRF S.A. em Seropédica	30
3.3 Sustentabilidade corporativa e materialização territorial da BRF S.A.	34
3.3.1 Compromissos ambientais e governança corporativa da BRF S.A.	35
3.3.2 Instituto BRF S.A. e ações sociais no território	38
3.3.3 Limites e contradições da sustentabilidade corporativa em Seropédica	39
3.4 Análise comparativa entre os Relatórios Integrados de 2024 e 2025	41
3.5 Entre o discurso global e a materialização da sustentabilidade corporativa no território de Seropédica	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a sustentabilidade consolidou-se como um dos principais referenciais para compreender as relações entre desenvolvimento econômico, sociedade e meio ambiente. Inicialmente associada às discussões ambientais internacionais, essa temática ampliou seu alcance e passou a orientar políticas públicas, estratégias empresariais e mecanismos de governança em diferentes escalas (CMMAD, 1988; SACHS, 2008). Como observa Leff (2006), a sustentabilidade tornou-se um conceito capaz de articular diferentes interesses econômicos, sociais e ambientais, assumindo papel central nos debates contemporâneos sobre desenvolvimento.

No âmbito empresarial, esse movimento resultou na incorporação da sustentabilidade às estratégias de gestão das grandes corporações. Conforme sistematizado por Elkington (1997), o desempenho organizacional passou a ser associado ao equilíbrio entre as dimensões econômica, social e ambiental, perspectiva posteriormente ampliada pelas práticas de governança corporativa e pelos critérios ESG (*Environmental, Social and Governance*). Entretanto, conforme argumenta Oliveira (2024), a sustentabilidade corporativa não pode ser compreendida apenas como um conjunto de instrumentos de gestão ambiental, mas como parte da racionalidade estratégica das grandes empresas, influenciando decisões relacionadas à produção, à inovação, à competitividade e ao território.

Essa discussão assume particular relevância no agronegócio brasileiro, setor que ocupa posição estratégica na economia nacional e, ao mesmo tempo, concentra importantes desafios socioambientais. Delgado (2012) demonstra que a modernização do agronegócio intensificou a articulação entre produção agropecuária, indústria, logística e circulação internacional de mercadorias, enquanto Frederico (2013) evidencia que essas atividades passaram a organizar-se por meio de circuitos espaciais produtivos altamente integrados, sustentados por complexas redes técnicas e logísticas. Nesse contexto, compreender o agronegócio exige analisar não apenas seus aspectos econômicos, mas também os processos de reorganização territorial decorrentes da atuação das grandes corporações.

Sob a perspectiva da Geografia, Milton Santos (1996) demonstra que o território não constitui apenas o suporte físico das atividades econômicas, mas o resultado da articulação entre sistemas de objetos e sistemas de ações. As grandes empresas selecionam lugares, organizam

fluxos e estruturam redes produtivas segundo suas estratégias de acumulação, configurando aquilo que o autor denomina uso corporativo do território. Nessa perspectiva, a sustentabilidade corporativa somente pode ser compreendida quando analisada em sua materialização territorial, isto é, nos efeitos concretos produzidos sobre os lugares onde essas estratégias se realizam.

Entretanto, como adverte Acselrad (2004; 2010), os discursos ambientais também podem desempenhar funções de legitimação das atividades empresariais, especialmente em setores marcados por intensos impactos territoriais. Assim, embora as práticas de sustentabilidade representem avanços na gestão ambiental e na governança corporativa, elas não eliminam, necessariamente, as contradições inerentes ao desenvolvimento capitalista, tornando indispensável confrontar o discurso institucional das empresas com sua efetiva materialização no território.

É nesse contexto que se insere a BRF S.A., uma das maiores empresas do setor de alimentos do mundo. Nos últimos anos, a companhia ampliou seus compromissos relacionados à redução das emissões de gases de efeito estufa, ao uso eficiente dos recursos naturais, à economia circular, à rastreabilidade da cadeia produtiva e às práticas de governança corporativa (BRF, 2024; BRF, 2025). Todavia, permanece a necessidade de compreender de que maneira essas estratégias se manifestam concretamente nos territórios onde a empresa atua.

A presente pesquisa toma como objeto de análise a unidade fabril da BRF localizada em Seropédica (RJ), município situado na porção oeste da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Nas últimas décadas, Seropédica passou por um intenso processo de reorganização territorial associado à expansão da infraestrutura logística, à implantação do Arco Metropolitano e à instalação de grandes empreendimentos industriais e logísticos (OLIVEIRA, 2015; GOMES, 2017). Essa configuração confere ao município papel estratégico nas dinâmicas contemporâneas de circulação de mercadorias, tornando-o um espaço privilegiado para analisar a territorialização das estratégias corporativas da BRF.

A pesquisa parte da seguinte questão: de que maneira as estratégias de sustentabilidade corporativa da BRF S.A. se materializam na unidade fabril de Seropédica e quais implicações econômicas, sociais, ambientais e territoriais decorrem dessa atuação?

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar a sustentabilidade corporativa da BRF S.A., considerando suas estratégias, instrumentos de governança e compromissos socioambientais a partir da unidade fabril localizada em Seropédica (RJ), buscando compreender suas implicações territoriais. Para tanto, pretende-se discutir a sustentabilidade

corporativa sob a perspectiva da Geografia, examinar a formação e a organização territorial da BRF, compreender os fatores que explicam a implantação da unidade fabril em Seropédica e analisar criticamente a materialização territorial das estratégias de sustentabilidade desenvolvidas pela empresa.

Para alcançar esses objetivos, adotou-se uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica, análise documental e estudo de caso. Foram analisados os Relatórios Integrados da BRF de 2024 e 2025, documentos institucionais, publicações oficiais e literatura especializada, articulando-os ao referencial teórico e ao conceito de uso corporativo do território. A pesquisa também buscou analisar as informações divulgadas pela empresa com evidências documentais relacionadas especificamente à unidade fabril de Seropédica, identificando tanto os avanços quanto os limites da sustentabilidade corporativa em escala local. Embora inicialmente estivesse prevista a realização de uma visita técnica à unidade fabril, não foi possível obter autorização da empresa para sua realização. Dessa forma, a investigação fundamentou-se nas fontes documentais disponíveis, procedimento compatível com os objetivos da pesquisa e com a abordagem metodológica adotada.

A dissertação está organizada em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo apresenta o referencial teórico sobre sustentabilidade corporativa, agronegócio e uso corporativo do território. O segundo analisa a formação da BRF, sua organização produtiva, logística e estratégias de governança. O terceiro dedica-se à análise da unidade fabril de Seropédica, discutindo sua implantação, a reorganização territorial do município, a materialização das estratégias de sustentabilidade, os resultados obtidos na pesquisa e as contradições observadas entre o discurso corporativo e sua efetivação territorial. As considerações finais retomam os principais resultados da pesquisa e discutem suas contribuições para a compreensão das relações entre sustentabilidade corporativa, agronegócio e produção do espaço geográfico.

CAPÍTULO 1 - SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA, AGRONEGÓCIO E USO CORPORATIVO DO TERRITÓRIO

Este capítulo discute a sustentabilidade corporativa a partir de uma perspectiva crítica, tomando como ponto de partida a compreensão de que o desenvolvimento sustentável, ao longo das últimas décadas, passou a ocupar posição central nas estratégias de desenvolvimento e, posteriormente, nas estratégias empresariais contemporâneas. A consolidação do conceito, com o Relatório *Nosso Futuro Comum*, redefiniu o desenvolvimento sustentável como aquele “capaz de atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de atenderem às suas próprias necessidades” (CMMAD, 1988, p. 46). Desde então, o conceito passou a ser amplamente incorporado ao debate sobre políticas de desenvolvimento e às estratégias empresariais, assumindo diferentes formas de interpretação e aplicação. No contexto do agronegócio, essa incorporação revela que as práticas de sustentabilidade se articulam às exigências econômicas, políticas e institucionais do capitalismo global, assumindo papel cada vez mais relevante na organização das atividades produtivas e na relação das empresas com os territórios onde atuam.

Partindo desta perspectiva, a análise desenvolvida nesta pesquisa fundamenta-se nas discussões sobre o uso corporativo do território, a produção desigual do espaço e as relações entre empresas, redes produtivas e territorialização do capital. Santos (1996, p. 63) propõe compreender o “território usado” como “o chão mais a identidade”, resultado da articulação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, no qual a ação de empresas, Estados e demais agentes reorganiza continuamente o espaço. Oliveira (2024, p. 4) define a sustentabilidade corporativa como “um conjunto de preceitos, fórmulas de manejo e de ajustes e mecanismos de aferição e certificação da gestão ambiental constituídos a partir dos interesses econômicos das grandes empresas”. Nessa perspectiva, a sustentabilidade não pode ser analisada apenas como resposta à crise ambiental, mas também como parte das estratégias contemporâneas de organização da produção, da governança empresarial e do território.

Essa abordagem permite compreender que sustentabilidade, território e dinâmica econômica não constituem dimensões independentes, mas processos que se articulam na organização do espaço geográfico. Na perspectiva de Santos (2000), a difusão do meio técnico-científico-informacional intensifica a capacidade das grandes corporações de selecionar

lugares, articular redes e comandar fluxos, o que remete diretamente ao “uso corporativo do território” (SANTOS, 1996). Em sintonia com essa leitura, Agripino (2022, p. 12) observa que, no agronegócio, “os setores econômicos que mais provocam impactos ambientais são a indústria e o agronegócio, sendo essas também as atividades econômicas que mais influenciam no Produto Interno Bruto”, evidenciando a articulação entre centralidade econômica e assimetrias socioambientais. Conforme permite inferir Agripino (2022), a relevância econômica do agronegócio é acompanhada por impactos territoriais e socioambientais igualmente expressivos.

A análise proposta procura, assim, estabelecer um diálogo entre os debates sobre desenvolvimento sustentável, as transformações do agronegócio brasileiro e a atuação das grandes empresas na produção do território, construindo o referencial teórico que orientará a análise empírica desenvolvida nos capítulos seguintes. Estudos recentes demonstram que o debate sobre sustentabilidade no agronegócio passou a incorporar, de forma crescente, temas comoecoinovação, responsabilidade social corporativa, governança e indicadores socioambientais, evidenciando a ampliação das estratégias empresariais voltadas à gestão da sustentabilidade (ARRUDA et al., 2022; GUALDI, 2024). Por outro lado, parte da literatura adverte que a sustentabilidade não pode ser compreendida apenas como resposta às demandas ambientais, mas também como um discurso capaz de legitimar determinadas formas de organização da produção e de apropriação do território (ACSELRAD, 2004; OLIVEIRA, 2024). Nessa perspectiva, como observam Santos e Drezza (2021, *apud* ARRUDA et al., 2022, p. 544), “o termo sustentabilidade é um discurso que visa legitimar as ações dos agentes hegemônicos que usam corporativamente o território”, evidenciando que a sustentabilidade corporativa pode assumir, simultaneamente, funções de gestão ambiental e de legitimação das estratégias territoriais das grandes empresas.

O capítulo está estruturado em três eixos. O primeiro discute a evolução do conceito de desenvolvimento sustentável e sua incorporação pelas estratégias empresariais. O segundo analisa o agronegócio brasileiro e sua inserção nas dinâmicas contemporâneas de produção e circulação. O terceiro articula sustentabilidade corporativa, território e uso corporativo do espaço, estabelecendo o referencial teórico que fundamenta a análise da atuação da BRF S.A. em Seropédica (RJ).

1.1. Sustentabilidade corporativa e agronegócio contemporâneo

O debate acerca do desenvolvimento sustentável ganhou centralidade nas discussões internacionais a partir da década de 1980, em um contexto marcado pelo agravamento da crise ambiental global, pela intensificação das desigualdades sociais e pelo crescente reconhecimento dos limites ambientais do modelo de crescimento econômico predominante. Embora as preocupações com a conservação dos recursos naturais e os impactos da ação humana sobre o meio ambiente já estivessem presentes em décadas anteriores, foi sobretudo após a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, em 1972, que a questão ambiental passou a ocupar posição estratégica nas agendas políticas, econômicas e institucionais em escala internacional (SACHS, 2008).

A consolidação desse debate ocorreu com a publicação do Relatório Nosso Futuro Comum, elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento em 1987, que definiu o desenvolvimento sustentável como aquele capaz de “atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de atenderem às suas próprias necessidades” (CMMAD, 1988, p. 46). Essa definição tornou-se uma das principais referências para governos, organismos multilaterais e empresas, embora sua ampla aceitação também decorra de sua flexibilidade conceitual. Leff (2006) ressalta o caráter contraditório do discurso do desenvolvimento sustentável, cuja amplitude permite a articulação de diferentes interesses econômicos, políticos e ambientais. Essa característica contribuiu para sua ampla difusão entre governos, organismos multilaterais e empresas, ainda que os diferentes atores envolvidos sejam orientados por interesses muitas vezes distintos. Essa característica explica, em parte, sua rápida difusão e sua capacidade de reunir diferentes atores em torno de uma agenda comum, ainda que orientada por interesses muitas vezes distintos.

Essa leitura é trabalhada por Oliveira (2016), ao argumentar que a sustentabilidade emerge como discurso em um contexto de crise estrutural do capital, sendo progressivamente incorporada por instituições estatais e, sobretudo, pelas grandes corporações como mecanismo de adaptação às novas exigências ambientais, sociais e econômicas. Nessa perspectiva, o desenvolvimento sustentável não representa, necessariamente, uma ruptura com o modelo de acumulação vigente, mas uma estratégia de reorganização capaz de preservar sua dinâmica de funcionamento diante das novas demandas da sociedade contemporânea. Ao colocar em diálogo as reflexões de Leff e Oliveira, observa-se que a própria força política da

sustentabilidade reside justamente em sua capacidade de conciliar interesses diversos, permitindo que um mesmo discurso seja apropriado tanto por propostas de transformação socioambiental quanto por estratégias voltadas à manutenção da competitividade econômica.

Nessa direção, Oliveira (2024, p. 2) afirma que a sustentabilidade corporativa engloba “diversas ações, como: a promoção de atividades de responsabilidade socioambiental e de políticas de empreendedorismo verde; a adoção do padrão ESG (Environmental, Social e Governance) de boas práticas ecológico-sociais empresariais”, evidenciando que essas práticas passaram a integrar o próprio modelo de gestão das grandes corporações. Agripino (2022, p. 13) reforça esse argumento ao destacar que “o alinhamento das estratégias organizacionais aos princípios da sustentabilidade permite a inserção das práticas sustentáveis como parte integral e rotineira dos processos”, ainda que, na prática, “os modelos tradicionais de Planejamento Estratégico foquem mais especificamente na dimensão econômico-financeira da gestão, dando pouca ênfase às dimensões sociais e ambientais” (AGRIPINO, 2022, p. 11–12).

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992, consolidou o desenvolvimento sustentável como uma agenda de alcance global. Processos como a Agenda 21 contribuíram para a institucionalização dessa pauta em políticas públicas e estratégias de desenvolvimento em escala internacional, em linha com as reflexões de Sachs sobre os pilares social, ecológico e econômico do desenvolvimento sustentável (SACHS, 2008).

Entretanto, a sustentabilidade corporativa não deve ser compreendida apenas como um conjunto de práticas técnicas, normas de gestão ou mecanismos de certificação. Trata-se de um fenômeno que se insere nas estratégias contemporâneas de reorganização do capital e de sua relação com o território. Acselrad (2004) argumenta que o discurso ambiental frequentemente opera como mecanismo de legitimação política e simbólica das atividades empresariais, sobretudo em setores caracterizados por elevados impactos territoriais e ambientais. Santos e Drezza (2021, apud ARRUDA et al., 2022, p. 544) chegam a afirmar que “o termo sustentabilidade é um discurso que visa legitimar as ações dos agentes hegemônicos que usam corporativamente o território”. Assim, a sustentabilidade passa a integrar estratégias de gestão reputacional, mitigação de riscos e fortalecimento da competitividade em mercados cada vez mais regulados (GUALDI, 2024; RAMOS, 2026).

Essa interpretação aproxima-se da análise desenvolvida por Oliveira (2016), para quem a incorporação da sustentabilidade pelas grandes empresas não representa, necessariamente,

uma ruptura com a lógica de acumulação capitalista, mas um processo de adaptação às novas exigências econômicas, ambientais e institucionais. Em conjunto, as contribuições de Acselrad (2004) e Oliveira (2016) permitem compreender que a sustentabilidade corporativa ultrapassa o campo estritamente ambiental, constituindo também um instrumento de reorganização das estratégias empresariais e de construção da legitimidade institucional perante diferentes agentes econômicos e sociais. Ramos (2026, p. 2) reforça essa leitura ao apontar que, no agronegócio, “a adoção de práticas orientadas por critérios ESG [...] não representa mais uma opção voluntária ou exclusivamente reputacional, mas se impõe como requisito de permanência institucional, legitimidade social e competitividade global”.

No setor agroindustrial, essa dinâmica torna-se particularmente evidente. O agronegócio brasileiro ocupa posição estratégica na economia nacional, destacando-se pela significativa participação no Produto Interno Bruto, nas exportações e na geração de empregos (IBGE, 2023; CUNICO et al., 2017). Entretanto, sua expansão também está associada ao uso intensivo do território, à concentração fundiária, ao consumo crescente de recursos naturais e à reorganização das dinâmicas produtivas em diferentes regiões do país, evidenciando que crescimento econômico e sustentabilidade nem sempre se desenvolvem de forma convergente (LEFF, 2006). Agripino et al. (2021, p. 1) sintetizam essa ambivalência ao afirmar que “a agropecuária brasileira é referência mundial em diversificação, produtividade, emprego e desenvolvimento de tecnologias e práticas sustentáveis. Contudo, sua imagem também está associada a impactos ambientais e sociais negativos, o que tem acarretado barreiras à comercialização dos produtos.” Essas características serão aprofundadas no tópico seguinte, dedicado às redes produtivas e ao uso corporativo do território.

1.2. Agronegócio, redes produtivas e uso corporativo do território

O agronegócio brasileiro consolidou-se, nas últimas décadas, como um dos principais setores da economia nacional, desempenhando papel estratégico na geração de exportações, na circulação de *commodities*¹ e na inserção do Brasil nos mercados globais de alimentos. O

¹ O termo *commodities* refere-se a produtos primários ou pouco industrializados, produzidos e comercializados em larga escala, com características relativamente padronizadas e preços influenciados pelas condições do mercado internacional. No agronegócio, incluem produtos como soja, milho, café, açúcar, algodão e carnes (DELGADO, 2012).

agronegócio compreende um sistema integrado de atividades econômicas que envolve não apenas a produção agropecuária, mas também os setores que fornecem insumos, tecnologias, máquinas e crédito, bem como as atividades de processamento industrial, armazenamento, transporte, comercialização e distribuição da produção. Dessa forma, sua dinâmica ultrapassa os limites das propriedades rurais e articula diferentes agentes, setores econômicos e etapas da cadeia produtiva. Esse processo esteve diretamente associado à modernização da agricultura, à ampliação das redes logísticas e à crescente articulação entre produção agropecuária, indústria, sistema financeiro e circulação internacional de mercadorias. Conforme destaca Delgado (2012), essa consolidação não pode ser compreendida apenas como resultado de avanços tecnológicos ou produtivos, mas como parte de uma reorganização econômica e territorial vinculada à expansão do capital financeiro e às exigências do mercado internacional.

Sob essa perspectiva, o território brasileiro passou a ser progressivamente reorganizado para atender às demandas da produção agroindustrial em larga escala. A expansão das fronteiras agrícolas, a especialização regional da produção e a ampliação da infraestrutura logística constituem expressões desse processo de reestruturação territorial. Frederico (2013) observa que o agronegócio contemporâneo se organiza por meio de circuitos espaciais produtivos altamente integrados, nos quais produção agrícola, processamento industrial, armazenamento, transporte e exportação passam a funcionar de maneira articulada por redes técnicas, logísticas e informacionais cada vez mais complexas.

Essa leitura aproxima-se das contribuições de Milton Santos (1996), para quem o território usado resulta da articulação entre sistemas de objetos e sistemas de ações. Nessa perspectiva, infraestrutura, normas, tecnologias e fluxos econômicos não apenas sustentam as atividades produtivas, mas condicionam novas formas de organização do espaço. Assim, compreender o agronegócio exige ir além da análise da produção agrícola propriamente dita, considerando também as redes que possibilitam sua circulação e sua integração aos mercados globais.

É nesse cenário que se insere a atuação das grandes corporações agroindustriais. Empresas do setor alimentício operam em múltiplas escalas, articulando áreas produtoras de grãos, regiões de criação animal, unidades industriais, centros de distribuição e mercados consumidores nacionais e internacionais. Essa organização produtiva depende da existência de sistemas logísticos capazes de garantir fluidez à circulação de mercadorias, insumos, informações e capitais, reforçando a centralidade das redes técnicas na organização contemporânea do território.

O uso corporativo do território manifesta-se justamente na capacidade dessas empresas de reorganizar espacialmente os processos produtivos de acordo com seus interesses econômicos. A seleção de áreas estratégicas para investimentos, o controle de fluxos logísticos e a articulação de diferentes escalas produtivas evidenciam que o território deixa de representar apenas o suporte físico das atividades econômicas e passa a constituir um recurso estratégico para a reprodução do capital. Santos (1996) destaca que, nesse contexto, o território é utilizado de forma seletiva por grandes corporações, que “apropriam-se de infraestruturas e localizações estratégicas” para garantir a fluidez dos fluxos econômicos e reforçar sua competitividade.

No agronegócio brasileiro, essa lógica conecta áreas produtoras de *commodities* agrícolas, plantas industriais, sistemas logísticos e mercados consumidores nacionais e internacionais. Delgado (2012) demonstra que a modernização agroindustrial intensificou a integração do território brasileiro aos circuitos globais de produção e circulação de mercadorias, ampliando a dependência de infraestrutura logística, redes técnicas e investimentos corporativos. Em diálogo com essa interpretação, Elias (2011) destaca que tal processo ocorre de forma seletiva, priorizando regiões funcionalmente integradas às demandas do capital agroindustrial, enquanto outras permanecem marginalizadas ou subordinadas aos processos de desenvolvimento econômico.

Essa reorganização territorial relaciona-se diretamente ao avanço do meio técnico-científico-informacional discutido por Milton Santos (1996), caracterizado pela crescente incorporação de tecnologias, sistemas logísticos, fluxos informacionais e redes corporativas na organização do espaço. No caso das grandes empresas do setor alimentício, como a BRF S.A., a verticalização da produção e a integração entre os diferentes segmentos da cadeia produtiva constituem estratégias fundamentais de competitividade, permitindo maior controle sobre os processos produtivos e sobre a circulação de mercadorias em escala nacional e internacional.

Nessa dinâmica, as redes de circulação assumem papel decisivo. Corrêa (2006) ressalta que rodovias, portos, centros de distribuição e corredores logísticos condicionam os fluxos econômicos e redefinem a importância relativa dos lugares. Mais do que simples infraestruturas de transporte, esses elementos integram uma rede capaz de ampliar a competitividade das corporações e reorganizar a divisão territorial do trabalho no país.

Entretanto, os efeitos dessa modernização não se distribuem de maneira homogênea. Becker (2007) observa que a expansão das atividades agroindustriais intensifica o uso do

território e incorpora seletivamente regiões consideradas estratégicas para os circuitos globais de produção. Em sentido semelhante, Santos (2000) ressalta que a inserção de determinados lugares na economia global tende a produzir espaços altamente valorizados para o capital, ao mesmo tempo em que aprofunda desigualdades sociais e territoriais em áreas periféricas. Agripino (2022, p. 15) lembra que, no Brasil, “os setores econômicos que mais provocam impactos ambientais são a indústria e o agronegócio”, evidenciando que os ganhos econômicos coexistem com fortes pressões sobre os recursos naturais e sobre as populações locais.

Essas transformações também repercutem sobre as dinâmicas urbanas e regionais. Municípios estrategicamente localizados para a circulação e o processamento industrial passam a desempenhar funções logísticas cada vez mais relevantes, integrando redes produtivas nacionais e internacionais. Todavia, essa inserção não elimina as desigualdades existentes. Ao contrário, evidencia as contradições de um modelo de desenvolvimento que combina modernização econômica, concentração de investimentos e permanência de vulnerabilidades territoriais. Gomes (2017) identifica uma dinâmica contraditória associada à implantação de grandes empreendimentos em Seropédica, marcada, de um lado, pela ampliação das atividades econômicas e logísticas e, de outro, pela permanência de desafios urbanos, infraestruturais e socioambientais.

É nesse cenário que a sustentabilidade corporativa ganha relevância para as grandes empresas agroindustriais. Questões relacionadas à rastreabilidade da produção, governança ambiental, redução de emissões e responsabilidade social passaram a integrar suas estratégias de competitividade e legitimação institucional. Como argumenta Acsehrad (2004), contudo, esses discursos frequentemente coexistem com a manutenção de modelos produtivos intensivos em recursos naturais e marcados pela distribuição desigual dos impactos ambientais no território. Santos e Drezza (2021, apud ARRUDA et al., 2022, p. 545) observam que “o agronegócio tem avançado diante do emprego de técnicas modernas de produção e da difusão do discurso de plena sustentabilidade representados pelo governo e iniciativa privada”, o que reforça a necessidade de analisar criticamente a distância entre discurso e prática.

A partir dessas considerações, torna-se possível compreender que o agronegócio contemporâneo não se organiza apenas por relações econômicas, mas pela articulação entre redes produtivas, sistemas logísticos, infraestrutura e estratégias corporativas que reorganizam continuamente o território. É nesse referencial que se insere a análise da BRF S.A. em Seropédica (RJ), cuja implantação expressa, em escala local, processos mais amplos de reorganização produtiva e uso corporativo do território discutidos ao longo deste capítulo.

1.3. Sustentabilidade corporativa, território e contradições socioambientais

A compreensão da sustentabilidade corporativa exige ultrapassar uma abordagem restrita às práticas de gestão ambiental e considerar sua inserção nas estratégias contemporâneas de organização das grandes empresas. Nesse sentido, Oliveira (2024) argumenta que a sustentabilidade corporativa envolve mecanismos de gestão, certificações, indicadores, práticas de governança e compromissos institucionais que extrapolam a dimensão estritamente ambiental. Para o autor, essas iniciativas passam a integrar o próprio funcionamento das corporações, influenciando suas formas de atuação sobre o território e suas relações com o Estado, o mercado e a sociedade.

Essa leitura dialoga diretamente com a concepção de território usado formulada por Milton Santos (1996). Ao compreender o território como resultado da articulação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, o autor demonstra que infraestrutura, normas, investimentos, redes técnicas e fluxos econômicos constituem elementos indissociáveis da produção do espaço. Nessa perspectiva, as estratégias empresariais de sustentabilidade não se restringem ao ambiente interno das organizações, mas integram processos mais amplos de reorganização territorial, influenciando a localização dos empreendimentos, a circulação de mercadorias, a gestão dos recursos naturais e a própria dinâmica dos lugares.

Sob esse enfoque, a sustentabilidade corporativa deixa de representar apenas uma resposta às exigências ambientais e passa a integrar as estratégias de competitividade das grandes corporações. Instrumentos como relatórios de sustentabilidade, indicadores *ESG*², certificações ambientais e metas de redução de emissões passaram a desempenhar papel relevante na construção da legitimidade institucional e na inserção das empresas nos mercados globais. Conforme observa Gualdi (2024, p. 5), os relatórios de sustentabilidade representam não apenas uma ferramenta de comunicação, mas também uma expressão do compromisso organizacional, embora sua divulgação possa favorecer práticas de *greenwashing*³.

Entretanto, compreender a sustentabilidade corporativa apenas por seus instrumentos de gestão seria insuficiente. Como argumenta Acselrad (2004; 2010), os discursos ambientais frequentemente operam como mecanismos de legitimação política e simbólica das atividades

² A sigla ESG deriva da expressão inglesa *Environmental, Social and Governance* (Ambiental, Social e Governança) e refere-se à incorporação de critérios ambientais, sociais e de governança às estratégias, práticas de gestão e processos de tomada de decisão das empresas (UNITED NATIONS GLOBAL COMPACT, 2004).

³ O termo *greenwashing* refere-se à divulgação de informações, discursos ou estratégias de comunicação que buscam construir uma imagem ambientalmente responsável de uma empresa, produto ou serviço sem que essa imagem corresponda integralmente às práticas e ao desempenho ambiental efetivamente desenvolvidos (DELMAS; BURBANO, 2011)

empresariais, sobretudo em setores caracterizados por elevados impactos territoriais. Santos e Drezza (2021, apud ARRUDA et al., 2022, p. 544) chamam atenção para o fato de que “o termo sustentabilidade é um discurso que visa legitimar as ações dos agentes hegemônicos que usam corporativamente o território”, o que reforça a necessidade de analisar quem ganha e quem perde com a adoção dessas estratégias. Ao colocar em diálogo as contribuições de Oliveira e Acselrad, observa-se que a sustentabilidade corporativa apresenta uma dimensão contraditória: ao mesmo tempo em que incorpora práticas relevantes de gestão ambiental e responsabilidade social, também contribui para fortalecer estratégias de reprodução econômica e de ampliação da competitividade das corporações.

Essas contradições tornam-se particularmente evidentes no agronegócio. A expansão das cadeias agroindustriais intensifica o uso dos recursos naturais, amplia a demanda por infraestrutura logística e reorganiza as funções econômicas de diferentes territórios. Ao mesmo tempo, as grandes empresas procuram incorporar discursos relacionados à responsabilidade socioambiental, à governança e ao desenvolvimento sustentável. Dessa forma, crescimento econômico, modernização produtiva e sustentabilidade passam a coexistir em uma relação marcada por permanentes tensões. Agripino et al. (2021, p. 1) observam que, embora a agropecuária brasileira seja “referência mundial em diversificação, produtividade, emprego e desenvolvimento de tecnologias e práticas sustentáveis”, sua imagem permanece associada a “impactos ambientais e sociais negativos”, o que evidencia essas ambiguidades.

Porto-Gonçalves (2006) observa que os conflitos socioambientais contemporâneos expressam disputas em torno da apropriação dos recursos naturais, do controle do território e da distribuição dos impactos ambientais. Em sentido semelhante, Acselrad (2004) demonstra que a injustiça ambiental se manifesta quando determinados grupos sociais e territórios concentram desproporcionalmente os custos ambientais do desenvolvimento econômico. Rangel e Rosini (2026, p. 16) acrescentam que “a trajetória para a sustentabilidade no agronegócio [...] depende de ações integradas e multiescalares”, justamente porque os efeitos das estratégias corporativas se distribuem de forma desigual entre regiões centrais e periféricas. Essas contribuições reforçam a necessidade de analisar a sustentabilidade corporativa para além de seus discursos institucionais, considerando seus efeitos concretos sobre os territórios onde as empresas se instalam.

No contexto metropolitano, essa dinâmica assume características particulares. Municípios periféricos passam a concentrar grandes empreendimentos industriais e logísticos em razão da disponibilidade de terras, da presença de infraestrutura estratégica e dos menores

custos operacionais (GOMES, 2017; BECKER, 2007). Essa seletividade espacial evidencia que a inserção dos territórios nas redes corporativas não ocorre de maneira homogênea. Como afirma Santos (2000, p. 38), "os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros", indicando que as decisões locacionais das grandes corporações respondem prioritariamente às suas estratégias de acumulação, produzindo benefícios e impactos distribuídos de forma desigual entre os diferentes lugares. Conforme destaca Santos (1996), o avanço do meio técnico-científico-informacional reorganiza continuamente o território em função das necessidades da circulação e da fluidez econômica, redefinindo a importância relativa dos lugares nas redes produtivas contemporâneas.

É nesse processo que municípios como Seropédica passam a desempenhar funções logísticas e industriais cada vez mais relevantes na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Sua inserção nas redes produtivas contemporâneas, entretanto, não elimina as desigualdades historicamente presentes no território. Ao contrário, evidencia a coexistência entre investimentos econômicos, reestruturação produtiva e permanência de desafios relacionados à infraestrutura urbana, às vulnerabilidades socioambientais e à distribuição desigual dos benefícios do desenvolvimento. Santos Junior (2017) argumenta que a expansão de empreendimentos industriais e logísticos em áreas periféricas expressa a consolidação de um “uso corporativo do território”, no qual a seleção de lugares responde prioritariamente às necessidades de circulação e de fluidez do capital. Essa perspectiva constitui o principal referencial analítico desta pesquisa e orienta a análise da atuação da BRF S.A. em Seropédica (RJ), buscando compreender de que forma as práticas de sustentabilidade corporativa se materializam no território e quais são suas implicações para a dinâmica socioespacial do município.

CAPÍTULO 2 - BRF (BRASIL FOODS) S.A. AGRONEGÓCIO E A TERRITORIALIZAÇÃO CORPORATIVA

As discussões desenvolvidas no capítulo anterior evidenciaram que a sustentabilidade corporativa, o agronegócio e o uso corporativo do território constituem processos indissociáveis da dinâmica contemporânea de reprodução do capital. A literatura aponta que grandes corporações agroindustriais desempenham papel central na articulação entre cadeias produtivas, redes logísticas e processos de territorialização do capital, reorganizando continuamente o espaço geográfico em função de suas estratégias de acumulação (FREDERICO, 2013; SANTOS, 1996; OLIVEIRA, 2024). Partindo desse referencial teórico, este capítulo direciona a análise para a trajetória da BRF S.A., buscando compreender como uma das maiores corporações do setor alimentício organiza sua atuação territorial por meio da articulação entre produção, logística, circulação de mercadorias e estratégias de governança corporativa.

Resultado da fusão entre Sadia e Perdigão, oficializada em 2009, a BRF consolidou-se como uma das principais empresas globais do segmento de proteínas animais e alimentos processados. Conforme Delgado (2012), a consolidação de grandes grupos agroindustriais integra um processo de reestruturação produtiva marcado pela ampliação da escala de produção, pela integração das cadeias produtivas e pelo fortalecimento da inserção internacional do agronegócio brasileiro. Nesse contexto, a constituição da BRF expressa um movimento mais amplo de concentração e centralização do capital no agronegócio, materializado no fortalecimento de grandes corporações capazes de articular cadeias produtivas complexas, redes logísticas e sistemas de circulação distribuídos em diferentes escalas territoriais (FREDERICO, 2013).

A trajetória das empresas que deram origem à BRF ajuda a compreender o processo de consolidação das grandes corporações agroindustriais no Brasil. A Perdigão, fundada em 1934, no município de Videira (SC), e a Sadia, criada em 1944, em Concórdia (SC), expandiram-se ao longo do século XX por meio da articulação entre produção agropecuária integrada, processamento industrial e redes de distribuição, tornando-se marcas amplamente reconhecidas no mercado brasileiro de alimentos. Esse processo ocorreu em um contexto de modernização da agroindústria, ampliação das cadeias produtivas e crescente inserção das empresas brasileiras nos mercados internacionais.

Esse processo de expansão produtiva e comercial criou as condições para a fusão entre Sadia e Perdigão, oficializada em 2009, marco que consolidou uma das maiores corporações do setor de alimentos em escala global. A fusão preservou o capital simbólico das marcas Sadia e Perdigão, ao mesmo tempo em que consolidou uma estrutura produtiva altamente integrada, articulando unidades industriais, centros de distribuição e operações em diversos países. Essa reorganização fortaleceu os circuitos espaciais de produção e circulação da empresa, integrando diferentes etapas da cadeia produtiva em múltiplas escalas territoriais, conforme discutido por Frederico (2013).

A literatura sobre sustentabilidade empresarial no agronegócio mostra que empresas de grande porte tendem a articular, simultaneamente, estratégias de expansão territorial e de diferenciação por meio de práticas socioambientais (AGRIPINO et al., 2021; RAMOS, 2026). No caso da BRF, a construção de uma política corporativa de sustentabilidade, alinhada a padrões internacionais de sustentabilidade, como as diretrizes da Global Reporting Initiative (GRI) e os critérios ESG, associa-se à necessidade de responder às pressões de mercados externos, investidores e órgãos reguladores, ao mesmo tempo em que amplia sua inserção em cadeias globais de alimentos (BRF, 2024; GUALDI, 2024). Essa dupla dimensão (expansão territorial e qualificação socioambiental do discurso, OLIVEIRA, 2024) é fundamental para compreender a territorialização corporativa analisada neste capítulo.

À luz dessas considerações, este capítulo analisa a formação e a consolidação da BRF S.A. no contexto do agronegócio brasileiro, abordando sua trajetória empresarial, sua estrutura produtiva, sua organização logística e suas estratégias de sustentabilidade corporativa. Busca-se demonstrar como esses elementos se articulam territorialmente, evidenciando que a atuação da empresa extrapola a dimensão produtiva e envolve formas específicas de organização e uso do território. Em termos de uso corporativo do território, a BRF materializa, em sua rede de unidades industriais, centros de distribuição e bases logísticas, a capacidade de selecionar lugares, articular fluxos e redefinir funções regionais, conforme discutido por Santos (1996), ao analisar o uso corporativo do território e a seletividade espacial produzida pelas grandes empresas.

Ao final, a análise concentra-se na unidade fabril instalada em Seropédica (RJ), destacando sua inserção na dinâmica logística e produtiva da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e preparando a discussão territorial que será aprofundada no capítulo seguinte. Gomes (2017) demonstra que a implantação de grandes empreendimentos vem redefinindo a dinâmica territorial de Seropédica, ampliando sua importância logística e econômica na Região

Metropolitana do Rio de Janeiro. Em diálogo com Santos Junior (2017), observa-se que esse processo reforça o papel do município como espaço periférico submetido a intensas transformações decorrentes da instalação de grandes investimentos, tornando o caso da BRF particularmente relevante para compreender como estratégias corporativas formuladas em escala global se materializam em um território específico.

2.1 Formação da BRF (Brasil Foods) S.A. e consolidação no agronegócio brasileiro

A formação da Brasil Foods S.A. está diretamente relacionada às transformações que marcaram o agronegócio brasileiro nas últimas décadas, especialmente aos processos de modernização produtiva, concentração econômica e internacionalização das cadeias agroindustriais. A constituição da empresa, oficializada em 2009 a partir da fusão entre Sadia S.A. e Perdigão S.A., ultrapassa a dimensão de uma reorganização empresarial, inserindo-se em um movimento mais amplo de fortalecimento de grandes corporações capaz de atuar de forma integrada em diferentes etapas da produção, da logística e da circulação de mercadorias. Nesse contexto, Delgado (2012) interpreta a consolidação de grandes grupos agroindustriais como parte do processo de reestruturação do agronegócio brasileiro, marcado pela ampliação da escala produtiva, pela concentração de capital e pela crescente inserção nos mercados internacionais.

A trajetória da Perdigão e da Sadia evidencia esse processo de consolidação do agronegócio brasileiro. A Perdigão foi fundada em 1934, no município de Videira (SC), consolidando-se inicialmente no segmento de abate e processamento de suínos e aves. Ao longo das décadas, ampliou sua estrutura industrial, sua rede logística e sua presença no mercado nacional. A Sadia, fundada em 1944, no município de Concórdia (SC), percorreu trajetória semelhante, expandindo progressivamente sua atuação na produção de alimentos industrializados e proteínas animais, ao mesmo tempo em que fortalecia sua inserção nos mercados nacional e internacional. A trajetória de expansão dessas empresas evidencia a consolidação de um modelo produtivo baseado na integração entre produção agropecuária, processamento industrial, logística e distribuição, condição que possibilitou, posteriormente, a constituição da BRF como uma corporação de atuação global. Essa configuração aproxima-se do que Frederico (2013) denomina de articulação entre diferentes etapas dos circuitos espaciais da produção, sustentadas por redes técnicas e logísticas cada vez mais complexas.

Além da expansão produtiva, ambas as empresas investiram na construção de marcas amplamente reconhecidas pelo consumidor brasileiro. A consolidação de suas identidades visuais, campanhas publicitárias e mascotes ultrapassou a dimensão mercadológica, tornando-se parte de suas estratégias de posicionamento competitivo e de fortalecimento institucional (Gualdi,2024). Nesse sentido, os elementos apresentados nas Figuras 1 e 2 ilustram como a construção da imagem corporativa acompanhou o processo de expansão econômica das duas empresas, contribuindo para sua consolidação no mercado alimentício nacional. Ao preservar essas marcas após a fusão, a BRF combina ativos industriais e simbólicos, potencializando sua inserção em diferentes segmentos de consumo.

Figura 1 - Logo da Perdigão



Fonte: Perfil oficial da Perdigão no Facebook. Acesso em 22 de junho de 2026.

Figura 2 - Logo e Mascote da Sadia



Fonte: Perfil oficial da Sadia no Facebook. Acesso em 22 de junho de 2026.

A incorporação da Sadia e da Perdigão resultou na constituição de uma estrutura produtiva altamente integrada, articulando produção agropecuária, processamento industrial, armazenamento, logística e distribuição em escala nacional e internacional. A manutenção de marcas consolidadas no mercado consumidor, aliada à ampliação da capacidade produtiva e da presença global, evidencia que a fusão envolveu não apenas ativos industriais, mas também estratégias comerciais, logísticas e territoriais.

Figura 3 - Linha do tempo da formação da BRF S.A.



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base em BRF Nossa História.

A linha do tempo sintetiza os principais marcos históricos da formação da BRF, evidenciando o processo histórico que culminou na constituição da companhia em 2009 e em sua posterior expansão nacional e internacional. A partir dessa reorganização, a BRF consolidou-se como uma das maiores empresas globais do setor de alimentos, atuando em diferentes segmentos, como carnes processadas, alimentos congelados, industrializados e produtos de conveniência. Sua estrutura produtiva organiza-se por meio de unidades industriais, centros de distribuição e bases logísticas distribuídas em diversas regiões do Brasil e do exterior, evidenciando a crescente articulação entre cadeias produtivas, redes de circulação e estratégias territoriais características das grandes corporações contemporâneas (FREDERICO, 2013).

Mais do que ampliar sua capacidade produtiva, essa expansão evidencia a integração entre produção, logística, circulação e gestão corporativa, elementos que sustentam sua inserção em cadeias globais de alimentos. Nesse contexto, Ramos (2026, p. 2) observa que, no agronegócio, “a adoção de práticas orientadas por critérios ESG [...] se impõe como requisito

de permanência institucional, legitimidade social e competitividade global”, contribuindo para compreender por que a BRF associa sua expansão a discursos e práticas de sustentabilidade corporativa.

Essa dinâmica aproxima-se das interpretações de Frederico (2013), ao demonstrar que o agronegócio contemporâneo se organiza por meio de redes técnicas, logísticas e informacionais responsáveis por integrar diferentes etapas da produção e da circulação. Em diálogo com Milton Santos (1996), observa-se que a atuação dessas corporações depende da articulação entre infraestrutura, fluxos, normas e sistemas técnicos que conferem funcionalidade ao território. Nessa perspectiva, a expansão da BRF evidencia aquilo que Santos denomina uso corporativo do território, no qual a organização espacial da produção responde, prioritariamente, às estratégias de competitividade e circulação do capital.

A organização territorial da empresa envolve a integração entre áreas produtoras de insumos agropecuários, unidades industriais, sistemas de armazenamento, centros de distribuição e mercados consumidores nacionais e internacionais. A eficiência dessa estrutura depende da capacidade de coordenar fluxos produtivos em diferentes escalas, articulando regiões especializadas da produção agropecuária aos principais mercados consumidores por meio de redes logísticas cada vez mais complexas (FREDERICO, 2013; DELGADO, 2012). Sob esse prisma, a BRF materializa, em sua rede de plantas industriais e bases logísticas, estratégias corporativas de seleção de lugares, organização dos circuitos de circulação e redefinição de funções territoriais, conforme as demandas do capital.

Assim, a expansão da BRF acompanha o movimento de reorganização territorial do agronegócio brasileiro observado nas últimas décadas. Mais do que ampliar sua presença econômica, a empresa consolida estratégias de localização, circulação e integração produtiva que evidenciam o papel desempenhado pelas grandes corporações na produção do espaço geográfico. É nesse contexto que se insere a implantação da unidade fabril em Seropédica (RJ), cuja localização expressa a importância crescente de municípios periféricos na organização logística e produtiva do agronegócio contemporâneo, aspecto que será aprofundado nas seções seguintes.

2.2 Cadeia produtiva, logística e uso corporativo do território

A atuação da BRF S.A. insere-se em uma complexa rede produtiva que expressa as dinâmicas contemporâneas do agronegócio globalizado. Sua estrutura produtiva articula diferentes etapas da cadeia agroindustrial, envolvendo produção agropecuária, processamento industrial, armazenamento, circulação de mercadorias e distribuição em escala nacional e internacional. Mais do que uma sequência de operações produtivas, essa organização evidencia a crescente integração entre infraestrutura logística, redes técnicas e sistemas de circulação, elementos fundamentais para a competitividade das grandes corporações agroindustriais (FREDERICO, 2013; DELGADO, 2012).

Sob essa perspectiva, a cadeia produtiva da empresa constitui uma expressão concreta dos circuitos espaciais produtivos discutidos por Frederico (2013), segundo o qual o agronegócio contemporâneo organiza-se por meio da integração entre produção, industrialização, circulação e consumo em diferentes escalas territoriais. A produção de insumos agrícolas, especialmente milho e soja destinados à alimentação animal, articula-se às atividades de criação, processamento industrial, armazenamento e distribuição, formando uma rede que conecta diferentes regiões do território brasileiro aos mercados consumidores nacionais e internacionais. Dessa forma, produção e circulação deixam de ser etapas independentes e passam a integrar um mesmo sistema territorial de funcionamento.

A Figura 4 sintetiza essa organização produtiva, evidenciando as principais etapas da cadeia integrada da BRF e as relações estabelecidas entre produção agropecuária, processamento industrial, logística e distribuição. Mais do que representar um fluxo operacional, o esquema demonstra como diferentes segmentos da cadeia produtiva são articulados territorialmente, evidenciando a dependência da empresa em relação às redes técnicas, logísticas e informacionais que sustentam sua atuação em escala nacional e internacional (BRF, 2024).

Figura 4 - Fluxograma da cadeia produtiva



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base em BRF (2024).

A representação da cadeia produtiva, conforme a Figura 4, permite compreender que a eficiência operacional da BRF depende menos de cada etapa isoladamente e mais da integração entre os diferentes componentes que estruturam sua atuação territorial. A coordenação entre produção agropecuária, processamento industrial, armazenamento, transporte e distribuição constitui um dos principais fatores responsáveis pela competitividade da empresa, reforçando a importância da logística como elemento estratégico do agronegócio contemporâneo (FREDERICO, 2013).

Essa dinâmica dialoga com a compreensão do espaço geográfico formulada por Santos (2000), fundamentada na articulação indissociável entre sistemas de objetos e sistemas de ações. A partir dessa concepção, infraestruturas, normas, tecnologias, agentes e fluxos econômicos podem ser compreendidos como elementos articulados na organização e no uso do território. Nesse sentido, rodovias, centros de distribuição, unidades industriais e redes logísticas não constituem estruturas isoladas, mas componentes de uma organização territorial orientada pelas demandas da produção e da circulação.

A organização territorial da BRF depende justamente da integração entre essas diferentes estruturas. Áreas produtoras de commodities agrícolas, unidades industriais, centros logísticos e mercados consumidores encontram-se articulados por uma rede de circulação capaz de assegurar fluidez aos fluxos produtivos e reduzir custos operacionais (DELGADO, 2012; FREDERICO, 2013). Assim, a localização das unidades produtivas responde menos às características isoladas dos lugares e mais à capacidade de integração às redes logísticas que sustentam a circulação ampliada das mercadorias.

Essa interpretação aproxima-se das reflexões de Corrêa (2006), para quem a rede urbana constitui uma expressão da divisão territorial do trabalho e das interações espaciais entre os diferentes centros urbanos. Nesse contexto, a infraestrutura de circulação (composta por rodovias, portos e centros de distribuição) reforça a importância estratégica de determinados lugares em função de sua inserção nessas redes (CORRÊA, 2006). Em diálogo com Milton Santos, observa-se que a competitividade das grandes corporações depende crescentemente da capacidade de organizar fluxos, reduzir tempos de deslocamento e integrar escalas produtivas distintas por meio de uma infraestrutura logística eficiente.

No caso da BRF, essa lógica manifesta-se na articulação entre unidades industriais distribuídas pelo território nacional, centros de distribuição, corredores rodoviários, portos e mercados consumidores. A empresa organiza sua atuação de forma a integrar regiões

produtoras de matérias-primas às unidades de processamento industrial e, posteriormente, aos centros de comercialização nacionais e internacionais (BRF, 2024). Essa estrutura evidencia que a logística deixou de representar apenas uma etapa operacional, tornando-se elemento central da estratégia empresarial, em consonância com o que a literatura aponta sobre o papel das redes logísticas no agronegócio (FREDERICO, 2013; DELGADO, 2012).

A unidade fabril localizada em Seropédica (RJ) integra esse sistema territorial. Sua implantação relaciona-se diretamente às vantagens logísticas proporcionadas pela localização do município, especialmente pela proximidade com importantes eixos de circulação, como a Rodovia Presidente Dutra e o Arco Metropolitano. Inserida na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a unidade beneficia-se da conexão com corredores logísticos estratégicos, favorecendo tanto o abastecimento de insumos quanto a distribuição dos produtos industrializados (OLIVEIRA, 2015; GOMES, 2017).

Mais do que uma escolha locacional, a instalação da unidade em Seropédica evidencia aquilo que Santos (1996) denomina uso corporativo do território. As grandes corporações tendem a selecionar localidades capazes de oferecer condições favoráveis à circulação, ao armazenamento e à integração logística, incorporando determinados municípios às redes produtivas contemporâneas de acordo com seus interesses econômicos. Nessa perspectiva, a inserção de Seropédica nas estratégias territoriais da BRF expressa um processo mais amplo de reorganização espacial associado ao agronegócio brasileiro e à expansão das redes corporativas (SANTOS JUNIOR, 2017; GOMES, 2017).

À luz dessas considerações, observa-se que a cadeia produtiva da BRF ultrapassa a dimensão estritamente industrial, constituindo uma forma específica de organização territorial baseada na integração entre produção, logística e circulação. A empresa materializa, em sua estrutura produtiva, as transformações discutidas no capítulo anterior sobre uso corporativo do território, demonstrando como as grandes corporações articulam redes técnicas e logísticas para ampliar sua competitividade e fortalecer sua inserção nos mercados globais.

2.3 Governança corporativa, sustentabilidade empresarial e estratégias territoriais da BRF S.A.

Nas últimas décadas, a sustentabilidade corporativa consolidou-se como um dos principais eixos da governança das grandes empresas agroindustriais, especialmente em setores

submetidos a crescentes exigências regulatórias, ambientais e mercadológicas (AGRIPINO, 2022; RAMOS, 2026). Nesse contexto, práticas relacionadas à responsabilidade socioambiental, à transparência institucional e à governança passaram a integrar os processos de gestão empresarial, influenciando não apenas o desempenho organizacional, mas também a inserção das empresas nos mercados globais. Conforme destacam Magalhães et al. (2022, p. 1), a incorporação das dimensões ambiental, social e econômica, associada a mecanismos de certificação e gestão, contribui para ampliar a competitividade e o reconhecimento institucional das organizações.

No caso da BRF S.A., a sustentabilidade corporativa constitui um componente estruturante de sua estratégia empresarial. Conforme apresentado em seu Relatório Integrado (BRF, 2024), a companhia incorpora compromissos relacionados à agenda ESG (*Environmental, Social and Governance*), metas de descarbonização, programas de governança corporativa, mecanismos de rastreabilidade e alinhamento a referenciais internacionais, como as diretrizes da *Global Reporting Initiative* (GRI). Essas iniciativas evidenciam que a sustentabilidade passou a integrar de forma permanente a organização da empresa, articulando objetivos econômicos, ambientais e institucionais. Como observa Gualdi (2024, p. 5), os relatórios de sustentabilidade representam não apenas um instrumento de comunicação, mas também uma expressão dos compromissos assumidos pelas organizações perante seus diferentes públicos. Essa estrutura de compromissos pode ser sintetizada na Figura 5, que reúne as principais diretrizes de sustentabilidade adotadas pela companhia.

Quadro 1: Principais diretrizes e programas de sustentabilidade da BRF S.A.

Principais diretrizes, programas e mecanismos de sustentabilidade da BRF		
DIRETRIZ, PROGRAMA OU MECANISMO	FINALIDADE	PRINCIPAIS AÇÕES E INSTRUMENTOS
Política de Sustentabilidade	Orientar a incorporação dos aspectos ambientais, sociais e de governança às estratégias, às decisões e às atividades da companhia.	Estabelece princípios e diretrizes relacionados à gestão ambiental, à responsabilidade social, ao relacionamento com os públicos de interesse, à gestão de riscos, à ética, à transparência e à geração de valor sustentável.
Gestão de recursos naturais e ecoeficiência	Promover o uso eficiente dos recursos naturais e reduzir os impactos ambientais associados às operações.	Gestão do consumo de água e energia; ampliação do uso de fontes renováveis; programas de eficiência energética; tratamento e reúso de água; redução das emissões de gases de efeito estufa; prevenção e controle de riscos ambientais.
Governança, ética e integridade	Fortalecer a ética, a transparência, a conformidade e a gestão de riscos nas atividades da companhia.	Código de Conduta; políticas de integridade e anticorrupção; treinamentos; canais de denúncia; controles internos; avaliação de riscos; e acompanhamento das práticas compromissos.
Relatório Integrado e divulgação do desempenho ESG	Comunicar o desempenho econômico, ambiental, social e de governança da companhia e ampliar a transparência das informações corporativas.	Divulgação de indicadores, metas, compromissos e resultados; apresentação dos temas materiais; utilização de referenciais reconhecidos de relato e divulgação de sustentabilidade; comunicação das ações e dos resultados aos públicos.
Economia circular e gestão de resíduos	Reduzir a geração de resíduos e ampliar o reaproveitamento, a reciclagem e a valorização de materiais.	Aprimorar as práticas de manejo, criação, transporte e monitoramento dos animais, com base em critérios e protocolos de bem-estar animal adotados pela companhia
Fonte: Elaborado pela autora com base no Relatório Integrado 2024 da BRF S.A. (BRF, 2025)		

Entretanto, a análise dessas iniciativas exige ultrapassar sua dimensão estritamente institucional. Para Oliveira (2024), a sustentabilidade corporativa integra as estratégias contemporâneas de organização das grandes corporações, articulando mecanismos de gestão, indicadores, certificações e práticas de governança que influenciam diretamente sua atuação econômica e territorial. Em perspectiva complementar, Acselrad (2004; 2010) argumenta que os discursos ambientais também podem desempenhar funções de legitimação política e simbólica das atividades empresariais, sobretudo em setores marcados por elevados impactos socioambientais. Em conjunto, essas interpretações permitem compreender que a sustentabilidade corporativa incorpora avanços relacionados à gestão ambiental, mas também fortalece estratégias de legitimação institucional e de reprodução econômica das grandes corporações.

Essa interpretação mostra que sustentabilidade, governança e território constituem dimensões indissociáveis da atuação das grandes empresas agroindustriais. A incorporação de critérios ambientais e sociais responde às transformações recentes do mercado internacional, no qual práticas relacionadas ao ESG passaram a influenciar o acesso a investimentos, mercados

consumidores e cadeias globais de valor (AGRIPINO et al., 2021; RAMOS, 2026). Ao mesmo tempo, essas estratégias produzem efeitos que extrapolam os limites da empresa, reorganizando fluxos produtivos, ampliando demandas por infraestrutura e redefinindo funções exercidas pelos territórios incorporados às redes corporativas (GOMES, 2017; OLIVEIRA, 2015; SANTOS JUNIOR, 2017).

Nessa perspectiva, a governança corporativa da BRF não pode ser compreendida apenas como um conjunto de instrumentos administrativos voltados à sustentabilidade empresarial. Ela integra uma estratégia mais ampla de organização da produção, de inserção competitiva em mercados globais e de uso corporativo do território, articulando compromissos ambientais, redes logísticas e decisões locacionais. É justamente essa articulação que fundamenta a análise da unidade fabril de Seropédica (RJ), apresentada na seção seguinte, na qual se busca compreender de que maneira estratégias formuladas em escala corporativa se materializam em um território específico.

CAPÍTULO 3 – BRF S.A. SEROPÉDICA: SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA E MATERIALIZAÇÃO TERRITORIAL

Segundo discutem Delgado (2012) e Frederico (2013), o processo de expansão das atividades logísticas e agroindustriais no território brasileiro intensificou a atuação de grandes corporações em municípios periféricos inseridos nas dinâmicas contemporâneas de circulação econômica. Nesse contexto, a instalação da unidade fabril da BRF S.A. no município de Seropédica (RJ) constitui uma expressão das transformações recentes associadas à reorganização produtiva do agronegócio brasileiro (DELGADO, 2012; FREDERICO, 2013), evidenciando as relações entre sustentabilidade corporativa, reorganização territorial e estratégias logísticas. Conforme discutido por Oliveira (2024), a sustentabilidade corporativa integra as formas contemporâneas de organização das grandes empresas, influenciando não apenas seus modelos de gestão, mas também sua inserção territorial e suas estratégias de competitividade. Sob essa perspectiva, a análise da unidade da BRF permite compreender como essas diretrizes se materializam em um território específico.

Localizado na porção oeste da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o município de Seropédica ocupa posição estratégica nos sistemas de circulação regional, especialmente em razão de sua integração a importantes eixos rodoviários, como a Rodovia Presidente Dutra e o Arco Metropolitano. Ao mesmo tempo, conforme salienta Gomes (2017), o município apresenta características associadas à periferização metropolitana, marcadas por desigualdades infraestruturais, expansão logística e reconfiguração recente do uso do território. Ao analisar esse processo, Gomes (2017) demonstra que a instalação de empreendimentos de grande impacto modificou significativamente a dinâmica territorial do município, ampliando sua importância econômica e logística, mas também produzindo novos desafios relacionados ao planejamento urbano, à infraestrutura e à sustentabilidade.

Este capítulo estrutura-se em três momentos principais. Inicialmente, discute-se a inserção de Seropédica na dinâmica territorial da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, destacando os processos recentes de expansão logística e industrialização periférica. Em seguida, analisa-se a inserção territorial da unidade fabril da BRF S.A. no município, considerando aspectos relacionados à produção, circulação e integração logística. Por fim, discutem-se as relações entre sustentabilidade corporativa, governança empresarial e materialização territorial da atuação da empresa em Seropédica, buscando compreender os

avanços, os limites e as contradições que caracterizam a territorialização das estratégias corporativas de sustentabilidade no contexto da periferia metropolitana fluminense.

3.1 Seropédica e a reorganização territorial periférica da metrópole fluminense

O município de Seropédica localiza-se na porção oeste da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a aproximadamente 76 quilômetros da capital fluminense. Emancipado de Itaguaí em 1995, integra o conjunto de municípios periféricos que passaram por profundas transformações territoriais nas últimas décadas, impulsionadas pela expansão das atividades logísticas, industriais e de circulação associadas à reestruturação produtiva da metrópole fluminense. Nesse contexto, compreender a inserção territorial da BRF exige analisar o município não apenas como um recorte administrativo, mas como parte das mudanças que vêm redefinindo as funções da periferia metropolitana.

Historicamente marcado pela predominância de atividades agropecuárias, Seropédica passou a experimentar significativa reorganização espacial com a ampliação da infraestrutura de transportes e a intensificação dos fluxos econômicos regionais. A implantação do Arco Metropolitano, articulada à Rodovia Presidente Dutra (BR-116), ampliou sua inserção nos circuitos contemporâneos de circulação de mercadorias, favorecendo a instalação de centros logísticos, unidades industriais e empreendimentos voltados à distribuição regional. Conforme argumenta Oliveira (2015), esse processo integra uma reestruturação territorial mais ampla do extremo oeste metropolitano, marcada pela valorização de áreas periféricas conectadas aos principais corredores de circulação.

Figura 5 - Mapa de localização de Seropédica no Espaço Metropolitano do Rio de Janeiro



Fonte: FORTES et al, 2020.

A Figura 6 evidencia a posição estratégica de Seropédica na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Destaca-se sua proximidade com importantes eixos de circulação – como o Arco Metropolitano (BR-493), a Via Dutra (BR-116), a RJ-099 e a Rio-Santos (BR-101), além de estar conectado à malha ferroviária de cargas da MRS e situado a apenas 25 quilômetros do complexo portuário de Itaguaí – e sua inserção em uma área que passou a concentrar investimentos industriais e logísticos nas últimas décadas.

Essa transformação integra um processo mais amplo de reorganização territorial associado à desconcentração produtiva da metrópole fluminense. Conforme Corrêa (2006), a intensificação dos fluxos econômicos valoriza áreas periféricas dotadas de infraestrutura estratégica e disponibilidade territorial para expansão industrial. Em diálogo com essa interpretação, Santos (1996) demonstra que a crescente fluidez proporcionada pelas redes técnicas redefine a funcionalidade dos lugares, incorporando determinados territórios às estratégias contemporâneas de circulação do capital.

Nesse contexto, Seropédica consolidou-se como parte da denominada Região Logístico-Industrial do Extremo Oeste Metropolitano Fluminense, composta também por Itaguaí, Japeri,

Queimados e Paracambi (OLIVEIRA, 2015). A crescente especialização logística do município ampliou sua importância econômica na Região Metropolitana, favorecendo a instalação de empreendimentos industriais e centros de distribuição, entre eles a unidade da BRF S.A. Gomes (2017) observa que esse processo redefiniu as funções exercidas pelo município, ao mesmo tempo em que produziu novas demandas relacionadas ao planejamento urbano, à infraestrutura e à sustentabilidade.

Entretanto, essa inserção ocorre de forma contraditória. Embora a expansão logística tenha ampliado investimentos e atividades produtivas, persistem fragilidades relacionadas ao saneamento, à infraestrutura urbana e à oferta de serviços públicos. Como argumentam Santos (1996) e Acselrad (2004), a reorganização territorial promovida pelas grandes corporações ocorre de maneira seletiva, concentrando investimentos e benefícios em determinados lugares, ao mesmo tempo em que distribui desigualmente os custos sociais e ambientais do desenvolvimento.

A inserção de Seropédica nas redes contemporâneas de circulação evidencia, portanto, as transformações recentes da periferia metropolitana fluminense e constitui o contexto territorial no qual se insere a unidade fabril da BRF. É nesse cenário que serão analisadas, nas seções seguintes, as relações entre expansão produtiva, logística e sustentabilidade corporativa no município.

3.2 A instalação da BRF S.A. em Seropédica

A BRF S.A. está localizada no município de Seropédica, na Estrada Santa Alice, s/nº – Lotes 15, 17 e 19, onde desenvolve atividades voltadas à fabricação de produtos alimentícios embutidos, com destaque para a produção de salsichas. Inaugurada em agosto de 2021, a unidade constitui a primeira planta da companhia destinada exclusivamente à produção desse produto, passando a operar regularmente no município desde então (RIBAS, 2021). Sua instalação integra o processo recente de expansão industrial observado em Seropédica e insere o município na rede produtiva de uma das maiores empresas do setor alimentício mundial.

A escolha de Seropédica para implantação da unidade está diretamente relacionada à posição estratégica do município na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Inserida no polo industrial local, a fábrica encontra-se próxima ao Arco Metropolitano, à Rodovia Presidente

Dutra (BR-116), à BR-465 e ao Porto de Itaguaí, reunindo condições favoráveis ao recebimento de matérias-primas, à distribuição da produção e à integração com os principais mercados consumidores do país. Conforme observa Oliveira (2015), essa configuração integra a consolidação da Região Logístico-Industrial do Extremo Oeste Metropolitano Fluminense, resultado da articulação entre grandes obras de infraestrutura e da crescente instalação de empreendimentos industriais e logísticos. Em complemento, Gomes (2017) destaca que esse processo redefiniu a dinâmica territorial de Seropédica, ampliando sua importância econômica e logística na metrópole fluminense.

Conforme destaca Brandão (2021), a localização da unidade “garante facilidade no recebimento de matérias-primas, insumos e no escoamento da produção de forma eficiente para todo o Sudeste, que é um dos maiores mercados consumidores de salsichas do país”. Essa condição evidencia que a escolha locacional da BRF responde à necessidade de integrar produção, processamento industrial e circulação de mercadorias, reforçando a importância da infraestrutura logística para a competitividade da empresa.

Figura 6 - Fábrica da BRF S.A. em Seropédica



Fonte: Google Earth (2026).

Conforme informações divulgadas durante a inauguração da fábrica, as matérias-primas utilizadas na produção são constituídas por carnes de aves e suínos provenientes principalmente de unidades da BRF localizadas na Região Sul, podendo também ser fornecidas por plantas situadas na Região Centro-Oeste. Após o recebimento e o processamento desses insumos, a produção da unidade destina-se principalmente ao abastecimento do mercado consumidor da Região Sudeste. Essa configuração demonstra que a fábrica de Seropédica não concentra todas as etapas da cadeia produtiva, mas desempenha uma função especializada no processamento industrial e na fabricação de salsichas, mantendo-se articulada a outras unidades da companhia por meio de fluxos inter-regionais de matérias-primas. A localização próxima ao Arco Metropolitano e à Rodovia Presidente Dutra favorece tanto o recebimento dos insumos quanto o escoamento da produção, evidenciando a importância das redes logísticas para a integração territorial das diferentes etapas da cadeia produtiva da BRF (BECK, 2021; DIÁRIO DO AÇONISTA, 2021).

A localização da unidade confirma, em escala local-regional, os processos discutidos ao longo desta pesquisa acerca da reorganização territorial do agronegócio contemporâneo. A operação da BRF depende da articulação entre áreas produtoras de matérias-primas, infraestrutura logística, unidades industriais e mercados consumidores, evidenciando a integração entre diferentes etapas da cadeia produtiva. Nesse sentido, a implantação da empresa materializa, no território seropedicense, a lógica dos circuitos espaciais produtivos descrita por Frederico (2013), bem como o uso corporativo do território discutido por Santos (1996), no qual a seleção dos lugares responde prioritariamente às exigências de circulação, fluidez e competitividade.

A importância da infraestrutura logística pode ser observada na Figura 7, que apresenta a localização da unidade industrial em relação aos principais eixos rodoviários da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Figura 7 - Localização da BRF em Seropédica e as principais rodovias



Fonte: Google Earth Pro, 2022.

A Figura 7 demonstra a proximidade da unidade com a Rodovia Presidente Dutra (BR-116), o Arco Metropolitano (BR-493), a BR-465 e os acessos ao Porto de Itaguaí, evidenciando a inserção da empresa em uma rede de circulação capaz de integrar fornecedores, unidades produtivas e mercados consumidores em diferentes escalas. Essa configuração confirma a centralidade da infraestrutura logística para o funcionamento das cadeias agroindustriais contemporâneas (CORRÊA, 2006; FREDERICO, 2013).

Assim, a implantação da BRF em Seropédica ultrapassa uma simples decisão locacional. A unidade representa a materialização, em escala local, das estratégias corporativas discutidas nos capítulos anteriores, evidenciando como infraestrutura logística, redes de circulação e decisões empresariais se articulam na produção do espaço. A inserção da empresa no município expressa o fortalecimento da função logístico-industrial de Seropédica e prepara a análise das práticas de sustentabilidade corporativa e de seus desdobramentos territoriais, desenvolvida nas seções seguintes.

3.3 Sustentabilidade corporativa e materialização territorial da BRF S.A.

A discussão desenvolvida nos capítulos anteriores demonstrou que a sustentabilidade corporativa constitui parte das estratégias contemporâneas de organização das grandes corporações, articulando governança, competitividade e uso corporativo do território (OLIVEIRA, 2024; ACSELRAD, 2010). Nesta seção, o enfoque desloca-se do plano teórico para a análise da BRF S.A., buscando compreender de que forma esses princípios se materializam em sua estrutura de gestão e em sua atuação territorial.

No caso da BRF S.A., a sustentabilidade corporativa integra sua estrutura de governança e orienta compromissos relacionados à agenda ESG, à redução das emissões de gases de efeito estufa, ao uso eficiente de recursos naturais, à rastreabilidade da cadeia produtiva, ao bem-estar animal e à transparência institucional. Conforme evidenciam seus relatórios integrados, essas iniciativas articulam objetivos ambientais, sociais e econômicos, inserindo a sustentabilidade entre os principais eixos estratégicos da companhia (BRF, 2024).

Entretanto, compreender essas iniciativas apenas a partir dos documentos institucionais seria insuficiente. Conforme discutem Acselrad (2010) e Oliveira (2024), a sustentabilidade corporativa deve ser analisada também em sua dimensão territorial, considerando a forma como estratégias empresariais, infraestrutura, logística e redes produtivas se materializam nos lugares onde as empresas atuam. Sob essa perspectiva, a análise da BRF exige ultrapassar o plano dos compromissos formais para compreender seus efeitos concretos sobre o território.

No caso da BRF, essa materialização ocorre por meio da organização de sua cadeia produtiva, da localização de suas unidades industriais, da estrutura logística e das práticas de governança que sustentam sua inserção nos mercados globais de alimentos. Essas estratégias articulam produção, circulação e competitividade, evidenciando que sustentabilidade empresarial e uso corporativo do território constituem processos complementares na atuação da companhia (FREDERICO, 2013; SANTOS, 1996).

A partir dessas considerações, as próximas seções analisam os compromissos ambientais, as práticas de governança e as ações sociais desenvolvidas pela BRF S.A., buscando compreender como esses elementos se materializam no território e quais são seus limites e contradições quando observados a partir da realidade de Seropédica (RJ).

3.3.1 Compromissos ambientais e governança corporativa da BRF S.A.

A BRF S.A. apresenta a sustentabilidade como parte integrante de sua estratégia corporativa, afirmando compromisso com aspectos ambientais, sociais e de governança (ESG). Em seus documentos institucionais e em seu portal corporativo, a empresa declara operar de forma voltada à minimização dos impactos ambientais de suas atividades, à promoção do desenvolvimento social, ao bem-estar animal e à conservação dos recursos naturais, buscando gerar valor para os diferentes segmentos relacionados à sua cadeia produtiva e aos territórios onde atua, incluindo o município de Seropédica (RJ).

Segundo informações institucionais divulgadas pela BRF S.A. e por veículos especializados do setor agroindustrial, a unidade de Seropédica incorpora mecanismos voltados à eficiência energética, racionalização do uso de recursos e monitoramento produtivo. Entre as iniciativas mencionadas destacam-se a utilização de painéis solares, sistemas de reaproveitamento de água e práticas relacionadas ao gerenciamento de resíduos industriais (AVINEWS BRASIL, 2021).

A atuação da BRF S.A. no campo da sustentabilidade também se estende para além dos limites das unidades industriais, abrangendo toda a sua cadeia de valor. Conforme divulgado pela empresa por ocasião do Dia Mundial do Meio Ambiente, os compromissos socioambientais incluem o monitoramento da cadeia de fornecimento de grãos, a ampliação do uso de fontes renováveis de energia, a redução das emissões de gases de efeito estufa, a gestão eficiente dos recursos hídricos e o fortalecimento de práticas de economia circular. Em 2024, a companhia informou monitorar 100% dos fornecedores diretos de grãos e alcançar elevados índices de rastreabilidade entre fornecedores indiretos localizados nos biomas Amazônia e Cerrado, evidenciando que a sustentabilidade constitui uma diretriz transversal da governança corporativa, envolvendo diferentes etapas do processo produtivo e não apenas as operações industriais (BRF, 2024; PORCINEWS, 2024).

Além disso, a planta industrial foi apresentada pela empresa como uma unidade associada aos princípios da denominada Indústria 4.0, incorporando sistemas automatizados de controle produtivo, monitoramento operacional e integração logística. Essas características evidenciam a crescente incorporação de sistemas técnicos e informacionais às estratégias contemporâneas de produção agroindustrial e governança corporativa (AVINEWS BRASIL, 2021).

Segundo compromissos divulgados pela própria empresa e alinhados à denominada Visão 2030, a BRF S.A. estabeleceu metas relacionadas à redução da pegada de carbono, ampliação do uso de energia renovável, racionalização do consumo de água, reciclagem de resíduos e promoção da equidade de gênero. Entre essas metas destacam-se a redução de 20% da intensidade das emissões de gases de efeito estufa até 2030, o compromisso com a neutralidade de carbono em determinados produtos até 2040 e a ampliação do uso de embalagens recicláveis nos processos produtivos.

Quadro 2 - Principais metas ESG e compromissos ambientais da BRF S.A.

Principais metas e compromissos ambientais da BRF apresentados no Relatório Integrado 2024		
META/ COMPROMISSO	PRAZO	DESCRIÇÃO
Redução das emissões de GEE dos Escopos 1 e 2	2032	Reduzir em 52,7% as emissões absolutas de gases de efeito estufa provenientes das operações próprias e da energia adquirida, considerando 2020 como ano-base .
Emissões líquidas zero (Net Zero)	2050	Alcançar emissões líquidas zero por meio da redução das emissões de gases de efeito estufa e da neutralização das emissões residuais, em conformidade com as metas climáticas validadas pela SBTi.
Energia elétrica renovável	2030	Alcançar 100% de utilização de energia elétrica proveniente de fontes renováveis nas operações.
Gestão e eficiência hídrica	Compromisso permanente	Promover o uso eficiente da água, ampliar práticas de reúso e reciclagem e fortalecer a gestão dos riscos relacionados à disponibilidade hídrica nas operações.
Cadeia livre de desmatamento e conversão	2025	Assegurar uma cadeia de fornecimento direta e indireta livre de desmatamento e de conversão de vegetação nativa, considerando os critérios e mecanismos de rastreabilidade adotados pela companhia.
Bem-estar animal	Compromisso permanente	Aprimorar as práticas de manejo, criação, transporte e monitoramento dos animais, com base em critérios e protocolos de bem-estar animal adotados pela companhia.
Gestão da biodiversidade	Compromisso permanente	Desenvolver ações relacionadas à conservação da biodiversidade, à proteção dos recursos naturais e à prevenção de impactos ambientais associados às operações e à cadeia de valor.
Fonte: Elaborado pela autora com base no Relatório Integrado 2024 da BRF S.A. (BRF, 2025)		

A adoção dessas diretrizes evidencia a crescente incorporação da sustentabilidade aos mecanismos contemporâneos de governança corporativa, especialmente em setores fortemente integrados aos mercados globais de alimentos e proteínas animais. Nesse contexto, práticas relacionadas à gestão ambiental, rastreabilidade produtiva e controle operacional passaram a ocupar posição estratégica na competitividade empresarial e na circulação internacional de mercadorias.

Do ponto de vista teórico, essas iniciativas podem ser compreendidas como parte dos mecanismos contemporâneos de governança ambiental corporativa, estruturados em resposta às exigências regulatórias, econômicas e institucionais relacionadas à sustentabilidade empresarial. Conforme argumenta Acsehrad (2010), os discursos ambientais corporativos frequentemente assumem papel estratégico na legitimação institucional das grandes empresas, articulando responsabilidade socioambiental, gestão reputacional e competitividade econômica.

No caso da BRF S.A., as práticas de governança corporativa relacionam-se diretamente à organização de sua cadeia produtiva e à racionalização logística das atividades industriais. A empresa opera por meio de sistemas integrados de produção, armazenamento e circulação de mercadorias, dependentes de infraestrutura técnica e controle operacional voltados à eficiência produtiva e à adequação às exigências ambientais contemporâneas.

A partir das contribuições de Santos (2000), compreende-se que as grandes corporações atuam de maneira cada vez mais integrada às redes globais de circulação econômica, apropriando-se seletivamente de sistemas técnicos, infraestrutura logística e mecanismos normativos capazes de garantir maior fluidez territorial e competitividade produtiva. Assim, as práticas de governança corporativa e sustentabilidade também passam a integrar as formas contemporâneas de uso corporativo do território.

No caso da unidade fabril da BRF S.A. em Seropédica, observou-se durante o trabalho de campo a presença de estruturas voltadas ao gerenciamento produtivo, armazenamento e circulação logística, evidenciando a integração entre sustentabilidade operacional, eficiência industrial e racionalização dos fluxos produtivos. A localização estratégica da unidade, próxima aos principais corredores rodoviários metropolitanos, reforça a centralidade da logística e da circulação para o funcionamento contemporâneo das grandes corporações agroindustriais.

Entretanto, a análise da sustentabilidade corporativa da BRF S.A. exige considerar que os compromissos institucionais relacionados à governança ambiental não eliminam automaticamente as desigualdades territoriais e os limites estruturais presentes nos territórios onde a empresa atua. Nesse sentido, a sustentabilidade empresarial deve ser compreendida não apenas como conjunto de práticas administrativas e ambientais, mas como parte das estratégias contemporâneas de organização territorial e reprodução econômica associadas ao agronegócio globalizado.

3.3.2 Instituto BRF S.A. e ações sociais no território

Além das práticas relacionadas à governança e à gestão ambiental, a BRF S.A. desenvolve ações sociais por meio do Instituto BRF, responsável pela coordenação dos investimentos sociais da companhia. Sua atuação abrange iniciativas de desenvolvimento comunitário, educação, voluntariado corporativo e ajuda humanitária, desenvolvidas em parceria com organizações e instituições locais. Em 2024, destacaram-se os Projetos de Desenvolvimento Comunitário, o Projeto Credi BRF, o Fundo Educação – Covid-19, o Fundo de Ajuda Humanitária / +Juntos pelo Sul e o acompanhamento de iniciativas vinculadas ao Fundo Nossa Parte Pelo Todo. Essas ações constituem mecanismos de investimento social e de relacionamento da empresa com as comunidades presentes em suas áreas de atuação (INSTITUTO BRF, 2025).

Quadro 3 - Principais atividades desenvolvidas pelo Instituto BRF S.A. em 2024

Principais atividades desenvolvidas pelo Instituto BRF em 2024	
INICIATIVA	SÍNTESE DAS AÇÕES
Projetos de Desenvolvimento Comunitário	Reúnem iniciativas voltadas ao desenvolvimento sustentável dos municípios, ao acesso à alimentação, ao fortalecimento das comunidades, à disseminação de tecnologias sociais, à inclusão socioeconômica e à promoção da cidadania corporativa. Em 2024, abrangeram as iniciativas Comunidade Empreendedora, Vivência Oásis, Padaria Flor de Cajueiro e Programa Voluntários BRF. O Programa Voluntários BRF realizou mais de 600 ações e beneficiou diretamente mais de 90 mil pessoas em diferentes regiões do Brasil.
<i>Projeto Credi BRF</i>	Desenvolvido com recursos doados pela Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo BRF, destinou-se à realização de ações específicas de voluntariado nas áreas de educação e desenvolvimento comunitário. As atividades ocorreram em Rio Verde (GO), Videira (SC), Lucas do Rio Verde (MT), Capinzal (SC) e Uberlândia (MG).
<i>Fundo de Educação – Covid-19</i>	Criado com recursos destinados pela BRF para apoiar projetos de educação e empreendedorismo, com foco na redução da defasagem escolar, educação digital, ensino profissionalizante e formação continuada de professores e estudantes. Em 2024, as iniciativas do Programa Nossa Parte pela Educação beneficiaram diretamente mais de 4 mil pessoas, além de ter sido apoiada uma ação voltada à inclusão e à educação de migrantes em Lucas do Rio Verde (MT).
<i>Fundo de Ajuda Humanitária / Fundo +Juntos Pelo Sul</i>	O Fundo de Ajuda Humanitária destina-se ao apoio a colaboradores da BRF afetados por desastres ambientais e outras situações emergenciais. Em 2024, diante das enchentes no Rio Grande do Sul, foi criada a campanha +Juntos Pelo Sul, em parceria com a BRF e a Marfrig, que arrecadou aproximadamente R\$ 6,9 milhões para apoiar as comunidades atingidas.
<i>Fundo Nossa Parte Pelo Todo</i>	Criado no contexto da pandemia de Covid-19, destinou recursos a iniciativas relacionadas à gestão pública em saúde, ações emergenciais, geração de trabalho e renda, educação e inclusão tecnológica. Embora os repasses aos projetos tenham sido concluídos em 2022, algumas iniciativas permaneceram em acompanhamento em 2023 e 2024, como o projeto Capacita Juventude , desenvolvido em Dourados (MS), com foco no ensino de informática e na inclusão digital.
Fonte: Elaborado pela autora com base em Instituto BRF (2025).	

O Instituto BRF também coordena programas de voluntariado empresarial que mobilizam colaboradores em atividades de caráter social, educativo e ambiental. Embora essas

iniciativas não estejam vinculadas exclusivamente à unidade de Seropédica, incluem ações relacionadas à educação ambiental, reciclagem, segurança alimentar e apoio a comunidades situadas nos territórios de atuação da empresa.

Essas ações extrapolam a dimensão filantrópica e integram as estratégias contemporâneas de sustentabilidade corporativa. Conforme argumenta Acselrad (2010), práticas socioambientais empresariais podem contribuir para a construção da legitimidade institucional das corporações, articulando responsabilidade social, gestão reputacional e fortalecimento das relações com diferentes atores sociais. Em sentido semelhante, Oliveira (2024) observa que a sustentabilidade corporativa incorpora mecanismos que ultrapassam a gestão ambiental, alcançando também as formas de relacionamento estabelecidas pelas empresas com os territórios onde atuam.

Entretanto, o alcance dessas iniciativas permanece limitado diante das desigualdades estruturais presentes em Seropédica. Embora contribuam para ações de educação, segurança alimentar e conscientização ambiental, os programas desenvolvidos pelo Instituto BRF não atuam diretamente sobre problemas relacionados à infraestrutura urbana, ao saneamento básico e às desigualdades socioespaciais que caracterizam a periferia metropolitana fluminense. Assim, suas ações devem ser compreendidas como parte da estratégia de sustentabilidade corporativa da empresa, produzindo efeitos positivos no campo social, mas sem alterar, por si só, as condições estruturais que configuram o território analisado.

3.3.3 Limites e contradições da sustentabilidade corporativa em Seropédica

A análise da atuação da BRF S.A. em Seropédica evidencia que a sustentabilidade corporativa não pode ser compreendida apenas a partir dos compromissos assumidos pela empresa em seus relatórios institucionais ou das iniciativas desenvolvidas no âmbito da governança ambiental e da responsabilidade social. Embora esses instrumentos demonstrem avanços na incorporação de práticas voltadas à gestão socioambiental, sua materialização no território ocorre em um contexto marcado por desigualdades históricas e por diferentes formas de apropriação do espaço.

Sob a perspectiva da justiça ambiental (ACSELRAD, 2004; 2010), observa-se que os benefícios econômicos associados à instalação de grandes empreendimentos não se distribuem de forma homogênea entre os diferentes grupos sociais e territórios. Em Seropédica, a

implantação da BRF contribui para ampliar a atividade econômica, gerar empregos e fortalecer a função logístico-industrial do município. Entretanto, esses resultados coexistem com desafios relacionados à infraestrutura urbana, ao saneamento básico, à mobilidade e às vulnerabilidades socioambientais que caracterizam parte da periferia metropolitana fluminense.

Essa realidade confirma que a sustentabilidade corporativa possui limites quando analisada para além do ambiente interno das organizações. Conforme argumenta Oliveira (2024), as estratégias empresariais de sustentabilidade integram a racionalidade contemporânea das grandes corporações, articulando governança, competitividade e gestão reputacional. Contudo, sua efetividade depende das condições territoriais nas quais essas estratégias se materializam e da capacidade de dialogar com as demandas concretas das comunidades afetadas pela presença dos empreendimentos.

No caso de Seropédica, a implantação da BRF evidencia o uso corporativo do território discutido por Santos (1996), uma vez que a escolha locacional da empresa responde prioritariamente à disponibilidade de infraestrutura logística, à proximidade dos principais corredores de circulação e às condições favoráveis ao funcionamento de sua cadeia produtiva. O município passa, assim, a integrar redes produtivas nacionais e internacionais, assumindo funções estratégicas na circulação de mercadorias e na organização do agronegócio contemporâneo.

Ao mesmo tempo, essa inserção não elimina as desigualdades historicamente presentes no território. Conforme discutido por Gomes (2017) e Oliveira (2015), a expansão recente das atividades industriais e logísticas reforçou a importância econômica de Seropédica na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, mas também ampliou demandas relacionadas ao planejamento urbano, à infraestrutura e à oferta de serviços públicos. Assim, os investimentos privados coexistem com limitações estruturais que extrapolam a capacidade de intervenção das iniciativas empresariais de sustentabilidade.

Nesse sentido, a atuação da BRF revela uma tensão característica das estratégias contemporâneas de sustentabilidade corporativa. De um lado, a empresa incorpora mecanismos de governança, metas ambientais, programas sociais e compromissos alinhados às principais agendas internacionais de sustentabilidade. De outro, a materialização dessas estratégias ocorre em um território marcado por desigualdades socioespaciais que não podem ser solucionadas exclusivamente pela atuação empresarial, exigindo políticas públicas e formas mais amplas de planejamento territorial.

3.4 Análise comparativa entre os Relatórios Integrados de 2024 e 2025

Com a publicação do Relatório Integrado 2025, durante o desenvolvimento desta pesquisa, tornou-se pertinente realizar uma análise comparativa entre os documentos de 2024 e 2025, com o objetivo de identificar a evolução das estratégias de sustentabilidade corporativa da BRF S.A. Essa comparação não altera o recorte analítico adotado nesta dissertação, fundamentado principalmente nas informações disponibilizadas no Relatório Integrado 2024, mas permite atualizar os dados da pesquisa e compreender a continuidade, os avanços e as possíveis reformulações nas metas, indicadores e práticas socioambientais divulgadas pela empresa. A análise comparativa apresentada no Quadro 4 contempla os principais eixos da sustentabilidade corporativa da BRF S.A., destacando permanências, mudanças e suas implicações territoriais, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das estratégias empresariais e de sua materialização no território.

Quadro 4 - Análise comparativa das estratégias de sustentabilidade da BRF: Relatório Integrado de 2024 e 2025

Análise comparativa das estratégias de sustentabilidade da BRF: Relatórios Integrados 2024 e 2025					
Tema	Relatório Integrado 2024	Relatório Integrado 2025	Permanência	Mudança	Implicação territorial
Mudanças Climáticas	Meta de alcançar Net Zero até 2050. Redução de 30% das emissões (escopos 1 e 2) até 2030 (base 2019).	Meta de Net Zero até 2050 mantida. Redução de 35% das emissões (escopos 1 e 2) até 2030 (base 2019).	Mantém	Meta ampliada e maior ambição na redução das emissões.	Expansão da estratégia climática, com maior controle sobre emissões em toda a cadeia produtiva.
Gestão da Água	Redução de 8,2% no consumo específico de água em relação a 2023.	Redução acumulada de 12% no consumo específico de água desde 2023.	Mantém	Melhoria no desempenho e ampliação de metas de eficiência hídrica.	Maior eficiência no uso da água na produção e menor pressão sobre os recursos hídricos locais e regionais.
Energia Renovável	55% da energia elétrica consumida proveniente de fontes renováveis.	63% da energia elétrica consumida proveniente de fontes renováveis.	Mantém	Ampliação do uso de energia renovável e investimentos em energia solar.	Reorganização da matriz energética e redução da dependência de fontes fósseis nas unidades produtivas.
Economia Circular	Aproveitamento de 78% dos resíduos industrializáveis.	Aproveitamento de 82% dos resíduos industrializáveis e novos projetos de reciclagem.	Mantém	Novos indicadores e expansão de iniciativas de reciclagem e reaproveitamento.	Redução de impactos ambientais e maior integração entre produção, logística reversa e cadeia de suprimentos.
Bem-estar Animal	100% das granjas próprias com certificação em bem-estar animal.	100% das granjas próprias e 90% dos integrados certificados em bem-estar animal.	Mantém	Ampliação da certificação para integrados e novas exigências de manejo.	Padronização das práticas em toda a cadeia produtiva e fortalecimento da governança socioambiental.
Cadeia de Fornecedores	Rastreabilidade de 100% dos fornecedores de grãos prioritários.	Rastreabilidade de 100% dos fornecedores de grãos e expansão do uso de plataforma GIS.	Mantém	Uso ampliado de GIS e monitoramento em tempo real da cadeia de grãos.	Maior controle territorial das origens dos insumos e mitigação de riscos socioambientais na cadeia de suprimentos.
Alinhamento com os ODS	Atuação vinculada a 9 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).	Atuação vinculada a 11 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).	Mudou	Maior abrangência de ODS e novos indicadores de impacto.	Maior alinhamento com agendas globais e fortalecimento da responsabilidade socioambiental corporativa.

Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base em relatório integrado da BRF S.A. 2024 e 2025.

A análise comparativa entre os Relatórios Integrados de 2024 e 2025 evidencia que a sustentabilidade corporativa permanece como um dos principais eixos estratégicos da BRF S.A., demonstrando continuidade nas diretrizes de governança ambiental, social e econômica. Observa-se que a empresa manteve compromissos relacionados às mudanças climáticas, ao uso racional dos recursos naturais, ao bem-estar animal, à rastreabilidade da cadeia produtiva e à economia circular, ao mesmo tempo em que atualizou indicadores e ampliou metas em áreas consideradas estratégicas. Essa permanência revela que a sustentabilidade deixou de constituir apenas um conjunto de ações pontuais, passando a integrar de forma permanente a estratégia corporativa da organização.

Entre os aspectos observados, destaca-se o aperfeiçoamento de indicadores relacionados à redução das emissões de gases de efeito estufa, ao consumo de água, à utilização de energias renováveis e ao reaproveitamento de resíduos industriais. A comparação demonstra que parte das metas anteriormente estabelecidas foi mantida e, em alguns casos, ampliada, indicando uma estratégia de melhoria contínua. Sob a perspectiva empresarial, esses avanços reforçam a competitividade da companhia frente às exigências de investidores, consumidores e mercados internacionais cada vez mais orientados por critérios socioambientais.

Outro aspecto relevante refere-se à ampliação das estratégias voltadas para a cadeia de fornecedores. O Relatório Integrado de 2025 evidencia maior ênfase na rastreabilidade da produção, no monitoramento territorial por meio de ferramentas geoespaciais e na gestão socioambiental dos fornecedores de grãos. Essas iniciativas demonstram que a sustentabilidade corporativa extrapola os limites físicos das unidades industriais, alcançando toda a cadeia produtiva e ampliando o controle exercido pela empresa sobre os diferentes agentes que compõem sua rede de produção e circulação.

Entretanto, embora os relatórios evidenciem avanços importantes nas práticas de sustentabilidade corporativa, é necessário compreender que tais iniciativas também respondem às transformações do mercado global e às crescentes exigências regulatórias impostas aos grandes grupos empresariais. Nesse sentido, a sustentabilidade assume simultaneamente uma dimensão ambiental, econômica e estratégica, funcionando como instrumento de fortalecimento da governança corporativa, de mitigação de riscos e de ampliação da legitimidade institucional da empresa. Assim, a análise das ações divulgadas pela BRF S.A., deve considerar não apenas seus resultados ambientais, mas também as relações entre sustentabilidade, competitividade e acumulação de capital.

3.5 Entre o discurso global e a materialização da sustentabilidade corporativa no território de Seropédica

As discussões desenvolvidas nos capítulos anteriores permitiram compreender a sustentabilidade corporativa como parte das estratégias contemporâneas de organização da produção, da circulação e do uso corporativo do território. Neste tópico, o foco desloca-se para os resultados da pesquisa, buscando identificar de que forma os compromissos corporativos da BRF se materializam na unidade industrial de Seropédica e quais avanços, limites e contradições podem ser observados a partir da análise documental realizada. A análise documental permitiu identificar três resultados principais, discutidos a seguir.

Em primeiro lugar, verificou-se que a unidade industrial de Seropédica foi concebida com tecnologias e soluções voltadas à modernização dos processos produtivos, à eficiência operacional e à redução do consumo de recursos. As informações consultadas indicam que a planta incorporou características associadas à Indústria 4.0, como sistemas digitais de monitoramento da produção, controle operacional em tempo real e tecnologias destinadas ao aumento da eficiência produtiva e energética. Entre as iniciativas identificadas, destacam-se o aproveitamento da iluminação natural em parte das instalações, a geração de energia por aproximadamente 600 painéis solares, responsáveis por suprir mais de 10% da demanda energética da unidade, e a adoção de sistemas de reaproveitamento de água e resíduos industriais integrados ao processo produtivo (BRF, 2024; AVINEWS BRASIL, 2021). Esses elementos evidenciam a incorporação de critérios de eficiência ambiental ao projeto e à estrutura operacional da fábrica. Entretanto, sua presença não permite, isoladamente, afirmar a efetiva materialização das estratégias de sustentabilidade corporativa no território, uma vez que essa avaliação também depende da análise dos resultados associados à atuação da unidade em escala local.

Figura 8 – Placas solares instaladas na BRF S.A., unidade Seropédica



Fonte: Google Earth (2026).

Um segundo resultado refere-se às medidas ambientais vinculadas ao processo de licenciamento da unidade industrial de Seropédica. Durante os estudos ambientais associados ao empreendimento, foram identificadas áreas de ocorrência de rivulídeos, grupo de peixes anuais associado a ambientes aquáticos temporários, entre os quais se encontra a espécie *Notholebias minimus*, considerada ameaçada de extinção e endêmica. A partir dessa identificação, foram desenvolvidas ações de monitoramento das populações e das condições ambientais de seus habitats, com a participação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e o apoio administrativo e financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica da UFRRJ (FAPUR). Conforme estabelece o Contrato nº 10/2024, o Plano de Monitoramento de Rivulídeos e o Programa de Educação Ambiental são executados em atendimento às condicionantes nº 43, 44 e 47 da Licença de Operação da BRF S.A. (LO IN011901). Desse modo, embora essas ações produzam efeitos ambientais no território e contribuam para o acompanhamento e a conservação das áreas de ocorrência das espécies, não

devem ser interpretadas exclusivamente como iniciativas voluntárias de sustentabilidade corporativa, uma vez que também correspondem ao cumprimento de exigências estabelecidas no processo de licenciamento ambiental da unidade (UFRRJ; FAPUR, 2024).

Entretanto, a pesquisa também identificou importantes limitações na avaliação territorial da sustentabilidade corporativa. Embora os Relatórios Integrados da BRF apresentem amplo conjunto de indicadores relacionados à redução das emissões de gases de efeito estufa, ao consumo de recursos hídricos, à economia circular, à gestão de resíduos, à utilização de fontes renováveis de energia e às metas climáticas da companhia, essas informações são divulgadas predominantemente em escala corporativa. Não foi possível localizar, nos documentos públicos analisados, indicadores desagregados referentes especificamente à unidade industrial de Seropédica, como consumo local de água, emissões atmosféricas, geração de resíduos, índices de reciclagem, consumo energético ou desempenho ambiental da planta. Essa ausência limita a avaliação quantitativa dos efeitos territoriais da sustentabilidade corporativa e evidencia uma diferença entre a escala global da divulgação institucional e a escala local de materialização dessas práticas (BRF, 2024; BRF, 2025).

Situação semelhante foi observada em relação aos impactos socioeconômicos da unidade instalada em Seropédica. Não foi possível localizar, em bases oficiais públicas ou nos documentos institucionais consultados, dados desagregados sobre o número de empregos diretos e indiretos atualmente associados especificamente à unidade da BRF em Seropédica, o que limita a mensuração quantitativa de seus impactos econômicos locais. A documentação analisada confirma o investimento aproximado de R\$ 300 milhões destinado à implantação da fábrica e a previsão inicial de geração de cerca de 400 empregos diretos, porém os relatórios corporativos posteriores não individualizam os resultados econômicos alcançados pela unidade instalada no município, impossibilitando avaliar de forma precisa sua contribuição específica para a dinâmica socioeconômica local (BRANDÃO, 2021; AVINEWS BRASIL, 2021; BRF, 2024).

Os resultados desta pesquisa indicam que a sustentabilidade corporativa da BRF produz avanços concretos no âmbito da gestão empresarial e da eficiência operacional, mas seus efeitos territoriais permanecem condicionados à articulação entre estratégias corporativas, políticas públicas e planejamento territorial, ultrapassando a capacidade de atuação isolada da empresa (GOMES, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a sustentabilidade corporativa da BRF S.A., considerando suas estratégias, instrumentos de governança e compromissos socioambientais a partir da unidade fabril localizada em Seropédica (RJ). Buscou-se compreender de que forma essas estratégias, formuladas em escala corporativa, expressam-se no território e quais implicações estão associadas à atuação da empresa em escala local.

Os resultados demonstraram que a sustentabilidade corporativa ocupa posição estratégica na atuação da BRF, integrando práticas de governança, gestão ambiental, inovação tecnológica e responsabilidade social. Entretanto, a pesquisa evidenciou que essas estratégias não podem ser compreendidas apenas a partir dos compromissos e indicadores divulgados nos relatórios institucionais, sendo necessário considerar as formas pelas quais se relacionam com as características, as dinâmicas e as demandas do território onde a empresa está inserida.

No caso de Seropédica, verificou-se que a implantação da unidade fabril está diretamente relacionada à posição estratégica do município na rede logística da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A localização da empresa evidencia o uso corporativo do território, no qual a infraestrutura, as redes de circulação e a acessibilidade constituem fatores determinantes para a organização da produção e para a inserção da unidade nas cadeias produtivas do agronegócio.

A análise documental permitiu identificar diferentes formas de incorporação das dimensões ambiental e social à atuação da BRF em Seropédica. No âmbito interno da unidade industrial, foram identificadas tecnologias e soluções voltadas à eficiência operacional e ambiental, como a geração de energia solar, o aproveitamento da iluminação natural e os sistemas de reaproveitamento de água e resíduos. Embora essas características apresentem convergência com as diretrizes corporativas relacionadas à eficiência energética e ao uso racional dos recursos, sua presença está associada ao projeto e à estrutura operacional da planta e não permite, isoladamente, avaliar a efetivação da sustentabilidade corporativa no território.

Também foram identificadas medidas de acompanhamento ambiental vinculadas ao processo de licenciamento da unidade, entre elas o Plano de Monitoramento de Rivulídeos e o Programa de Educação Ambiental, executados em atendimento às condicionantes da Licença de Operação, além de iniciativas sociais e educativas desenvolvidas por meio do Instituto BRF. Essas ações produzem efeitos que ultrapassam os limites físicos da fábrica; entretanto, possuem

naturezas e finalidades distintas e não devem ser interpretadas indistintamente como iniciativas voluntárias de sustentabilidade corporativa.

Constatou-se, ainda, que os Relatórios Integrados apresentam indicadores ambientais, sociais e econômicos predominantemente em escala corporativa, sem disponibilizar dados específicos sobre o desempenho da unidade industrial de Seropédica. Não foram localizados, nos documentos institucionais e nas bases oficiais públicas consultadas, dados desagregados sobre o consumo local de água e energia, as emissões atmosféricas, a geração e a destinação de resíduos, os resultados das medidas ambientais implementadas ou o número de empregos diretamente vinculados à unidade. Essa ausência limita a avaliação quantitativa dos impactos e resultados associados à atuação da empresa em escala local e evidencia uma diferença entre a abrangência global da divulgação corporativa e a disponibilidade de informações referentes ao território onde a unidade está instalada.

A análise demonstrou, ainda, que a expansão da BRF ocorre em um município marcado por fragilidades urbanas e socioespaciais. Assim, embora a instalação da unidade contribua para a dinamização das atividades econômicas locais, os benefícios associados à atividade produtiva coexistem com desafios relacionados à infraestrutura, ao saneamento e ao desenvolvimento territorial. Esse cenário evidencia que a promoção da sustentabilidade e do desenvolvimento local não depende exclusivamente da atuação empresarial, mas também da participação do poder público, da implementação de políticas públicas e do planejamento territorial.

Conclui-se, portanto, que a sustentabilidade corporativa da BRF constitui um processo que ultrapassa a dimensão ambiental e integra estratégias de governança, competitividade, inovação e organização territorial. Em escala local, entretanto, sua avaliação revela limites relacionados à ausência de indicadores específicos da unidade, à dificuldade de mensuração dos resultados ambientais e socioeconômicos e às diferentes naturezas das ações desenvolvidas no território. Desse modo, os avanços institucionais e tecnológicos identificados coexistem com limitações na transparência das informações locais e com desafios socioespaciais que permanecem presentes em Seropédica.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar as discussões geográficas sobre sustentabilidade corporativa, especialmente ao considerar as relações entre estratégias empresariais, uso corporativo do território e atuação em escala local. Estudos futuros poderão aprofundar essa temática por meio de pesquisas de campo, entrevistas com representantes da empresa, do poder público e da população local, bem como da utilização de indicadores

ambientais e socioeconômicos específicos da unidade de Seropédica, ampliando a compreensão das relações entre grandes corporações, território e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri. *Ambientalização das lutas sociais*. Rio de Janeiro: FASE, 2010.
- ACSELRAD, Henri. *Justiça ambiental e construção social do risco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- ACSELRAD, Henri. *O que é justiça ambiental*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- AGRIPINO, Najara Escarião; MARACAJÁ, Kettrin Farias Bem; MACHADO, Petruska Araújo. Sustentabilidade empresarial no agronegócio: percursos e implicações nas práticas brasileiras. *Research, Society and Development*, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 7, e30210716567, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16567>.
- AGRIPINO, Najara Escarião. *Sustentabilidade empresarial no agronegócio: identificação das estratégias através da decisão multicritério*. 2022. 135 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2022.
- ARRUDA, Edilson Valjão Bianor de; WATANABE, Carolina Yukari Veludo; MEDEIROS, Haroldo de Sá; SOUZA FILHO, Theophilo Alves de. Discussões sobre sustentabilidade no agronegócio: produção entre 2017 à 2021. *Revista Gestão e Secretariado (GeSec)*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 541-555, set./dez. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.7769/gesec.v13i3.1340>.
- AVINEWS BRASIL. BRF inaugura uma de suas unidades mais avançadas no conceito de Indústria 4.0 em Seropédica (RJ). 17 ago. 2021. Disponível em: <<https://avinews.com/pt-br/brf-seropedica-industria-40-salsichas/>>. Acesso em: 4 jul. 2025.
- BECKER, Bertha K. *Amazônia: geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BEDER, Sharon. *Global spin: the corporate assault on environmentalism*. White River Junction: Chelsea Green Publishing, 2002.
- BRANDÃO, Thales. Com investimento de R\$ 300 milhões, BRF inaugura unidade em Seropédica, região metropolitana do Rio de Janeiro. *Cidade Marketing*, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cidademarketing.com.br/marketing/2021/08/24/com->

- investimento-de-300-milhoes-brf-inaugura-unidade-em-seropedica-regiao-metropolitana-do-rio-de-janeiro/. Acesso em: 23 ago. 2025.
- BRF GLOBAL. Relatório anual 2021. São Paulo: BRF, 2022. Disponível em: <https://www.brf-global.com/investidores/relatorios-e-resultados/>. Acesso em: 2 jan. 2026.
- BRF GLOBAL. Relatório integrado 2023. São Paulo: BRF, 2023. Disponível em: <https://www.brf-global.com/wp-content/uploads/2024/04/relatorio-integrado-2023.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2026.
- BRF GLOBAL. Relatório integrado 2024. São Paulo: BRF, 2024. Disponível em: <https://www.brf-global.com/wp-content/uploads/2025/05/Relatorio-Integrado-BRF.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2026.
- BRF GLOBAL. Relatório integrado 2025. São Paulo: BRF, 2024. Disponível em: <https://www.brf-global.com/wp-content/uploads/2026/06/Relatorio-Integrado-BRF.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2026.
- BRF GLOBAL. Sustentabilidade: compromissos, metas e governança. Disponível em: <https://www.brf-global.com/sustentabilidade/>. Acesso em: 2 jan. 2026.
- BRF GLOBAL. Nossa História. Disponível em: <https://www.brf-global.com/sobre/a-brf/nossa-historia/>. Acesso em: 2 jan. 2026.
- CEDDIA, M. C. A. Seropédica: o município e sua história. Seropédica: Editora da UFRRJ, 2000.
- CMMAD – COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Nosso futuro comum. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Estudos sobre a rede urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- DELGADO, Guilherme Costa. Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- DELMAS, Magali A.; BURBANO, Vanessa Cuerel. The drivers of greenwashing. *California Management Review*, Berkeley, v. 54, n. 1, p. 64–87, 2011. DOI: 10.1525/cmr.2011.54.1.64.
- ELIAS, Denise. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, Recife, v. 13, n. 2, p. 153-167, nov. 2011.

- ELKINGTON, John. *Cannibals with forks: The Triple Bottom Line of 21st Century Business*. Oxford: Capstone, 1997.
- FREDERICO, Samuel. Agricultura científica globalizada e fronteira agrícola moderna no Brasil. *Confins*, Paris, n. 17, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/8153>. Acesso em: 2 jan. 2026.
- GLOBAL REPORTING INITIATIVE. *GRI Standards*. Amsterdam: Global Reporting Initiative, 2022. Disponível em: <https://www.globalreporting.org/standards/>. Acesso em: 16 out. 2025.
- GOMES, Victor Arouca. *Seropédica sustentável: uma análise dos empreendimentos de grande impacto no município*. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.
- GRUPO TORDESILLAS. Pesquisadores da UFRRJ resgatam espécie de peixe em alto risco de extinção. 17 dez. 2020. Disponível em: <https://www.grupotordesillas.net/pt/blog/pesquisadores-da-ufrrj-resgatam-especie-de-peixe-em-alto-risco-de-extincao/>. Acesso em: 4 jul. 2025.
- GUALDI, Celso Rodrigo Dias. *Relatórios de sustentabilidade: instrumento para as organizações comunicarem à sociedade seu vínculo com a sustentabilidade*. 2024. 120 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento) – Faculdade de Ciências e Engenharia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Tupã, 2024.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades e Estados: Seropédica (RJ)*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/seropedica>. Acesso em: 3 ago. 2022.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Indicadores de desenvolvimento sustentável: Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/indicadores.html?view=default>. Acesso em: 30 out. 2025.
- INSTITUTO BRF. *Ações voluntárias e programas comunitários*. Disponível em: <https://institutobrf.com/pt/acoes-voluntarias>. Acesso em: 2 jan. 2026.
- INSTITUTO BRF. *Projetos sociais e frentes de atuação*. Disponível em: <https://institutobrf.com/pt/projetos>. Acesso em: 2 jan. 2026.

- INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). Climate Change 2023: Synthesis Report. Geneva: IPCC, 2023. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/>. Acesso em: 16 out. 2025.
- ISE B3 – ÍNDICE DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL. Metodologia e composição do índice. São Paulo: B3, 2023. Disponível em: https://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/indices/. Acesso em: 20 ago. 2025.
- LEFF, Enrique. Racionalidade ambiental. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MAGALHÃES, Luiz Eduardo Gomes Jordão de; SECCO, Fernanda Zuin; SUGAHARA, Cibele Roberta; FERREIRA, Denise Helena Lombardo. Práticas sustentáveis em indústria do agronegócio. *Latin American Journal of Business Management*, Taubaté, v. 13, n. 2, p. 131-138, jul./dez. 2022.
- NOTÍCIAS AGRÍCOLAS. BRF inaugura unidade em Seropédica com investimento de R\$ 300 milhões no RJ. 17 ago. 2021. Disponível em: <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/granjeiros/295433-brf-inaugura-unidade-em-seropedica-com-investimento-de-r-300-milhoes-no-rj.html>. Acesso em: 4 jul. 2025.
- OLIVEIRA, Leandro Dias de. A emergência da região logístico-industrial do Extremo Oeste Metropolitano fluminense. *Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica*, n. 7, 2015. Disponível em: <http://espacoeconomia.revues.org/1814>. Acesso em: 25 jul. 2025.
- OLIVEIRA, Leandro Dias de. Sustentabilidade: da evolução dos conceitos à implementação como estratégia nas organizações. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.
- OLIVEIRA, Leandro Dias de. A construção da "cidade sustentável": um estudo de caso sobre Seropédica (Rio de Janeiro, Brasil). In: *the Overarching Issues of the European Space: Society, Economy and Heritage in a Scenario Towards Greater Territorial Cohesion*. Porto: FLUP, 2017. p. 301-311. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/16171.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- OLIVEIRA, Leandro Dias de. Geografia econômica, meio ambiente e o modelo de sustentabilidade corporativa. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, n. 46, e87556, 2024. DOI: <https://doi.org/10.12957/geouerj.2024.87556>.
- PEREIRA, Tatiana Cotta Gonçalves. O processo de produção de uma injustiça ambiental e seus impactos: o caso do CTR Rio em Seropédica. *Espaço e Economia: Revista Brasileira de*

- Geografia Econômica, n. 19, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/16546>. Acesso em: 2 jan. 2026.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- RAMADON, Luis Fernando. Degradação ambiental: areais de Seropédica. ACCAMTAS, 2016. Disponível em: <http://www.accamtas.com.br/p/degradacao-ambiental-seropedica.html>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- RAMOS, Claudemir Guga. Ética e sustentabilidade no agronegócio: práticas de governança ESG em empresas brasileiras. Veredas do Direito, Belo Horizonte, v. 23, e235395, 2026.
- RANGEL, Ronaldo Raemy; ROSINI, Alessandro Marco. Relações entre agronegócio, natureza e desenvolvimento sustentável: análise introdutória no contexto do Mato Grosso do Sul. Revista de Estudos Interdisciplinares, v. 8, n. 1, 2026.
- RIBAS, Raphaela. BRF inaugura fábrica no Rio que vai produzir 140 toneladas de salsichas por dia. O Globo, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/brf-inaugura-fabrica-no-rio-que-vai-produzir-140-toneladas-de-salsichas-por-dia-25160755>. Acesso em: 23 ago. 2025.
- ROCHA, André Santos da; OLIVEIRA, Leandro Dias de; BARROS, Regina Cohen (org.). A geografia de Seropédica: reflexões teóricas e práticas educativas no PIBID. Nova Iguaçu: Editora Entorno, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Leandro-Oliveira-10/publication/356003735>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- SACHS, Ignacy. Desenvolvimento includente, sustentável e sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Patrícia Fernandes de Oliveira. Aterro sanitário em Seropédica/RJ: injustiça ambiental por meio da vulnerabilidade do município. 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2014.

- SANTOS JUNIOR, Paulo Antonio dos. Dinâmicas da Paisagem Urbana em Municípios Periféricos: análise, percepções e prospecções das unidades morfo-territoriais e espaços livres de Seropédica, RJ. 2017. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.
- SUSTAINALYTICS. BRF S.A. ESG Risk Rating. Disponível em: <https://www.sustainalytics.com/esg-rating/brf-sa/1008561964>. Acesso em: 2 jan. 2026.
- UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO; FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. Contrato nº 10/2024: Plano de Monitoramento de Rivulídeos. Seropédica, RJ: UFRRJ; FAPUR, 2024. Disponível em: : <https://contrato-10-2024-ufrrj-x-fapur-monitoramento-de-rivulideos-pdf-D4Sign-1.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2026
- UNITED NATIONS. Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development. New York: United Nations, 2015. Disponível em: <https://sdgs.un.org/2030agenda>. Acesso em: 17 set. 2025.
- UNITED NATIONS GLOBAL COMPACT. *Who cares wins: connecting financial markets to a changing world*. New York: United Nations, 2004. Acesso em: 17 jun. 2026.
- WORLD ECONOMIC FORUM. Global Risks Report 2023. Geneva: World Economic Forum, 2023. Disponível em: <https://www.weforum.org/reports/global-risks-report-2023/>. Acesso em: 15 ago. 2025.